

CONGREGAÇÃO DE SANTA DOROTÉIA DO BRASIL
FACULDADE FRASSINETTI DO RECIFE – FAFIRE
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA PERNAMBUCANA

Márcia Cristina de Miranda Lyra

A BIOPAISAGEM DE LADJANE BANDEIRA

Um Recorte Científico na Representação

Imagética de um Observador Humano

Recife, 2007.

Márcia Cristina de Miranda Lyra

A BIOPAISAGEM DE LADJANE BANDEIRA

Um Recorte Científico na Representação

Imagética de um Observador Humano

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura Pernambucana, da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Cultura Pernambucana.

Orientador:

Prof. Dr. Diego Rapahel D’Azevedo Carreiro.

Recife
2007

DEDICATÓRIA

À minha tia, Ladjane Bandeira (in memoriam) pela
sua “saudade do futuro”,
aos meus pais e a meu Tio Marconi
Bandeira pela confiança em mim depositada

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, ao professor Diego Carrero, pela sua orientação segura e respeito a minha individualidade de produção.

Ao Padre e filósofo Daniel Lima, mestre que aprendi a admirar e que agradeço pela sua paciência e sobretudo disponibilidade de seu precioso tempo para as nossas manhãs de reflexões.

À psicóloga Sônia Sarmento, que tive a oportunidade de conhecer no decorrer do levantamento deste trabalho com quem compartilhei registros e sentimentos recebendo valiosas informações.

A todos os meus amigos pelo apoio, amizade e estímulo e, em especial, aos companheiros Marlova Dornelles, Paulo Jacinto e Wilma Maciel, pelo carinho, colaboração e dedicação na pesquisa do acervo e que muito me ajudaram numa etapa importante deste projeto.

À minha família: minhas irmãs, por compreender a importância deste projeto para minha realização pessoal; e, em especial, ao Joel, pelo amor, revitalização de energia constante e paciência principalmente na fase final da elaboração deste trabalho, que acabou por alterar a rotina de sua vida.

Um artista só se liberta quando fica em sua obra

Ladjane Bandeira, 1981

RESUMO

O presente estudo refere-se a compreensão da obra BIOPAISAGEM de autoria da artista pernambucana Ladjane Bandeira. Apresenta também uma inserção biográfica motivada pela interpretação e análise de elementos para esta compreensão. A obra é uma proposta de unir a Ciência e a Filosofia através da Arte e baseia-se numa “*Teoria Evolucionista*” elaborada pela artista para o conhecimento humano. O estudo trata de analisar um detalhe pictórico no quadro *Cosmobiótica IV*, uma das cinco peças individuais, dentre as 12 obras integrantes da série em bico-de-pena, pintada em preto e branco. A análise é feita à luz de três referenciais teóricos, a saber: *O Mundo Quântico*, *A Consciência Cósmica* e a teoria científico-filosófica da autora intitulada *Intelorgânica*.

Palavras-Chave: arte, Filosofia, ciência, observador Humano.

ABSTRACT

This present study refers to a comprehension of an art works group called BIOPAISAGEM painted by Ladjane Bandeira. The study also includes a biographical sketch as a result of interpretation and an analysis about the elements with the purpose of better Ladjane's paintings understanding. The pictorial works goal is unite the Science and the Philosophy using the Art. The painting's analysis is about a pictorial detail at the *Cosmobiótica IV*, a ink-paper black-white painting. In the investigation course the scientific-philosophical expressions of the painting is discussed in the light of three theoretical referents: The Quantum Physics, Cosmic Conscience of Teilhard de Chardin and more specifically, the scientific Ladjane's theory of knowledge human evolution.

Key-words: art, philosophy, science, human observer

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO.....	09
1.1	(DES)CAMINHOS A UMA INTERPRETAÇÃO.....	11
II	LADJANE BANDEIRA: UMA MULHER PLURAL.....	24
2.1	DO INTERIOR À CAPITAL.....	28
2.2	O TRABALHO JORNALÍSTICO.....	35
2.3	O TRABALHO LITERÁRIO.....	39
2.4	O TRABALHO ARTÍSTICO.....	42
III	O MUNDO QUÂNTICO.....	47
3.1	UMA VISÃO DE POSSIBILIDADES.....	50
3.2	O OBSERVADOR DO MUNDO QUÂNTICO.....	52
IV	A SÍNTESE IMAGÉTICA DO PENSAMENTO DA ARTISTA.....	56
4.1	A BIOPAISAGEM.....	60
V	A TEORIA INTELORGANICA.....	68
5.1	OS ORGNOS OU ORGANOSSIGNOS.....	69
5.2	O INTELORGÂNICO.....	74
5.3	O PENSAMENTO.....	76
VI	CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS.....	80
VII	REFERÊNCIAS.....	84

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: BIOPAISAGEM – Detalhe da peça “COSMOBIÓTICA IV”.....	23
Figura 2: BIOPAISAGEM – “Metamorfose Humana” - Série colorida “Mulheres”..	61
Figura 3: BIOPAISAGEM – “Metamorfose Humana” - Série colorida “Cabeças”	62
Figura 4: BIOPAISAGEM – Estudos e esboços.....	62
Figura 5 – BIOPAISAGEM – Díptico “ PAN-SPERMÁTICA”.....	64
Figura 6 – BIOPAISAGEM – Díptico “ BIOMÓDULO”.....	65
Figura 7 – BIOPAISAGEM – Tríptico “ BIOGALÁXIA”.....	65
Figura 8 – BIOPAISAGEM – Individuais “ COSMOBIÓTICA”.....	66

1. INTRODUÇÃO

O tema desenvolvido dá ênfase à trajetória de vida da artista pernambucana Ladjane Bandeira desde as suas primeiras incursões artísticas e literárias até a realização de sua principal obra intitulada A BIOPAISAGEM.

O presente trabalho pauta-se nos estudos preliminares para a compreensão de uma extensa obra que, através do pensamento multifacetado da artista, expressa uma teoria científico-filosófica na iconografia e na literatura. Foi encontrada, além de pinturas e desenhos, farta produção literária manuscrita ainda não identificada, como: romances, contos, poesias, folhetos de cordel e peça de teatro, todos pautados sobre o tema da Obra.

Os quadros da série BIOPAISAGEM, no total de 28 peças localizadas no acervo da artista até a presente data, apresentam-se como uma proposta plástica de expressar ousadamente a união da arte, ciência e Filosofia, sob a égide de uma teoria desenvolvida pela autora durante 10 anos, tempo este em que escrevia e pintava paralelamente.

Pela sua complexidade e extensão, o total entendimento da BIOPAISAGEM requer um estudo profundo e sério, uma dedicação – que não esta aqui limitada - de maior tempo , sob pena de não reconhecermos a grandeza de que a obra é merecedora.

O trabalho iconográfico apresenta-se dividido em duas fases: a série policrômica e a série monocromática, não-coetâneas e com temáticas diferentes, interligadas sob a mesma teoria proposta pela autora. A BIOPAISAGEM policromática expressa a *Metamorfose Humana* e; a monocromática, a *Transformação da Natureza em Conhecimento*, cujos prolegômenos apresentaremos a seguir

O acervo da artista ainda se encontra em fase de arrolamento e investigação no tocante à localização de registros e arquivos documentais sobre a obra, visto que raro material de conhecimento público referente à artista foi produzido e divulgado

O ineditismo desta monografia delimita-se à tentativa de compreensão de detalhe presente em um dos quadros da série - especificamente o desenho intitulado *Cosmobiótica IV* -, centrado na discussão sobre a figura do *observador do mundo quântico*: presumindo-se haver relação com o referido detalhe pictórico, numa proposta de abrir um possível caminho a uma escuta para a obra.

Com o objetivo de alicerçar e legitimar este trabalho foram realizadas entrevistas com alguns artistas contemporâneos e familiares da pintora, para dar suporte ao trabalho devido a insuficientes referências publicadas sobre as obras da artista, salvo as encontradas em seu próprio acervo.

Após a definição do problema, detalham-se os objetivos: geral e específicos, justificando-se a escolha pelo tema e seguindo-se com a fundamentação teórica.

Este documento está organizado em 07 capítulos. O primeiro contém a introdução da monografia, dividida em: exposição do assunto, organização do documento, definição do problema, dos objetivos e justificativa para a escolha do tema da monografia, apresentando-se os procedimentos metodológicos adotados para a sua construção a partir das questões da pesquisa e seu delineamento no tocante ao tipo, natureza, metodologia e levantamento de dados.

O segundo capítulo aborda a historiografia da artista pernambucana Ladjane Bandeira, autora da BIOPAISAGEM, registrando fatos desde sua infância em sua cidade natal - Nazaré da Mata -, o desenvolvimento e consolidação de suas conquistas pessoais e profissionais, seu trabalho jornalístico, literário e artístico, o reconhecimento nacional e internacional que a legitima como patrimônio cultural na *História da Arte de Pernambuco*, até o seu total recolhimento para estudos na elaboração da obra. Conhecer sua trajetória de vida nos permitirá confirmar sua capacidade intelectual e autodidatismo para realizar um estudo científico-filosófico, sistemático e profundo, que anos mais tarde é reconhecido pela Comunidade Acadêmica

O terceiro capítulo é voltado para apresentação de referencial sobre *o Mundo Quântico* e a figura do *Observador do Mundo Quântico*, considerando ser este um primeiro ponto de partida para uma leitura da obra, especificamente à luz de uma interpretação para um elemento e sua representação conceitual.

O quarto capítulo é a síntese imagética do pensamento da artista, apresentando a BIOPAISAGEM, enfocando apenas parte da mesma, dada a limitação imposta pelas condições materiais e temporais para a elaboração desta pesquisa.

O quinto capítulo apresenta a teoria científico-filosófica intitulada *Intelorgânica*, expressão do pensamento da artista quanto a uma possível realidade para o homem do futuro e manifestada em obra iconográfica.

O sexto capítulo constitui-se das conclusões e recomendações finais a que se chegou.

E, para finalizar, o sétimo capítulo apresenta as referências bibliográficas consultadas para a elaboração da monografia.

1.1 – (DES)CAMINHOS A UMA INTERPRETAÇÃO

Ladjane Bandeira foi uma das personalidades culturais que muito contribuiu na formação do povo pernambucano e, através de sua trajetória de vida e produção artística, tornou-se referência para toda uma geração de artistas, estudantes e pesquisadores de arte. Sua presença nos movimentos culturais de Pernambuco, entre as décadas de 40 e início de 80, foi marcante. Seus trabalhos plásticos foram reconhecidos no Brasil e no exterior. Atuou, também, no jornalismo e na literatura, todavia foi na esfera especializada da crítica de arte que Ladjane açambarcou a notoriedade.

A crítica de Arte especializada em Pernambuco surge com Ladjane Bandeira através de seus esforços individuais e pela sua intensa e dinâmica atuação como agente cultural nas diversas iniciativas artísticas de âmbito local e nacional.

Seguindo a dedicação ao estudo solitário, insistindo no autodidatismo, alcançou uma formação cultural muito vasta, que abrangeu os diversos ramos da Filosofia do seu tempo, além das outras áreas do conhecimento, especialmente a Arte, a Literatura, Matemática, Ciências e a Tecnologia. Muito produziu em vida, na gravura, no desenho, na pintura e na literatura, mas é o seu pensamento e sua mente racional e filosófica que a destacou no campo intelectual e a incluiu como membro em diversas instituições ligadas à Ciência como, a exemplo, a Academia de Ciências de Pernambuco.

A BIOPAISAGEM é a obra que confirma o caráter vanguardista da pintora numa experiência ousada de expressão, afirmação, superação e evolução do seu pensamento.

A realização imagética da *Teoria Intelorgânica*, isto é, os quadros da BIOPAISAGEM são o ápice do propósito por ela acalentado por mais de 20 anos: o de promover o estudo da Arte e da Filosofia à esfera científica.

O objetivo da BIOPAISAGEM é mostrar uma proposta de união da Filosofia à Arte e a Ciência, numa tentativa de criar uma Arte filosófico-científica, projeto atentado por diversos artistas europeus, porém não realizado - ou quase nunca tentado - pelos pintores brasileiros.

A convergência entre Arte, Ciência e Filosofia, vista pelo conceito de “Poéticas do Infinito”, apresenta-se como uma arqueologia da Arte Contemporânea em toda a sua diversidade de sentidos. É vista como uma síntese de uma consciência histórica em expansão, aberta a múltiplas fluências de espaços, como a fenomenologia da percepção do espaço-tempo sensorial, que envolve a construção de estruturas cognitivas, sistemas de signos e de inter-relações na Arte-Ciência-Filosofia. A *Land Art* de Richard Long e Paul Klee são exemplos desta consciência.

O estreitamento destas relações, especialmente entre a Arte e a Ciência, teve uma importante contribuição, a exemplo do artista plástico Paul Klee, grande incentivador de uma proposta em que a Arte deveria passar pelo aprendizado de disciplinas como a Matemática, Física, Álgebra, Geometria entre outras. Mais tarde, Max Bense, a partir dos anos 50, elaborou a teoria que procurava na Ciência a estrutura de uma nova estética. Também nas obras do artista Mondrian, Arte e Ciência se encontram ao buscar nas formas instáveis da Natureza e expressá-las em suas obras, a afirmação do conceito espaço-tempo proposto pela *Teoria da Relatividade* de Einstein.

Segundo declarações registradas pela própria artista, em entrevista concedida nos anos 80, ao Museu da Imagem e do Som de Pernambuco - MISPE, para o desenvolvimento de sua obra, estudou séria e profundamente Ciência, Biologia, Astronomia, Astrofísica, Química, Filosofia e Física, expressando uma *Teoria para Evolução do Conhecimento*, tendo por base o processo do *pensamento*.

A teoria concebida por Ladjane a partir dos anos 60 e finalizada no fim dos anos 80 toma o ser humano evoluindo-se através do conhecimento adquirido e aperfeiçoado, desenvolvendo igualmente a Ciência e a Tecnologia em benefício da amplitude e aperfeiçoamento desse conhecimento Universológico.

Na obra BIOPAISAGEM, em bico-de-pena, vê-se uma extrema elaboração formal, na qual procura mostrar a evolução do ser humano rumo ao seu aperfeiçoamento unitário. A obra discursa sobre transformação da natureza em conhecimento, refletindo uma teoria científico-filosófica da artista chamada *Intelorgânica* em que o humano não experimentaria a morte ou a ressurreição, mas uma conquista de si mesmo revestindo tudo em volta. Esta evolução é efeito de um desenvolvimento cultural espontâneo em direção à perfeição: sua futura realidade.

Percebe-se, dessarte, um trabalho arrojado de uma artista que viveu um futuro que hoje se faz presente em eterna vanguarda a partir da concepção de uma obra visionária, posto que inicia sua execução há 40 décadas cônica de ser compreendida em um futuro longínquo.

Autores como Fleck (1935) e Khun (1996) sugeriram que os fatos científicos emergem de toda uma constelação de percepções, valores e ações humanos, ou seja, de um estilo de pensamento, de um paradigma ou de uma visão de mundo.

A *Intelorgânica* de Ladjane propõe um modelo teórico, uma visão de mundo expandida da Ciência, que parece reservar um lugar para os fenômenos observados, evidências seculares e para a intuição. A teoria da artista, para o que se propõe, requer diferentes abordagens e desdobramentos à sua compreensão.

Segundo Khun (1996), os cientistas trabalham “em um mundo diferente”. Não são capazes de ver o mundo como antes, assim como não serão capazes de aceitar o argumento de que o mundo não é tal como o estão percebendo. No debate entre proponentes de dois diferentes paradigmas, estes praticam seu ofício em visões diferentes.

A originalidade de uma obra não estará tanto no seu caráter de pioneirismo, mas na sua capacidade de criar mundos, de convencer a coletividade, a comunidade acadêmica, através da concorrência pela legitimidade cultural.

Será a sua *Teoria Intelorgânica* legitimadora de algo ? O que definirá os limites para uma busca legítima da sua distinção ? Onde estaria o pensamento científico da autora e qual visão do mundo nos revela a obra BIOPAISAGEM ?

Faz-se necessário conhecer quais são as semelhanças e diferenças entre as áreas do conhecimento científico abordadas pela obra, bem como a compreensão dos elementos pictóricos das peças *Pan-spermáticas*, *Biomódulos*, *Cosmobióticas* e *Biogaláxias*, presentes nos desenhos a bico-de-pena da BIOPAISAGEM.

Hoje se evidencia nas Ciências as intervenções e manipulações genéticas em busca da perfeição humana através da Biogenética, da Biologia Molecular e do uso das chamadas tecnologias *GRIN*, sigla inglesa para Genética, Robótica, Tecnologia da Informação e Nanotecnologia.

A Neurobiologia (com sua teoria dos complexos) e as Ciências novas da rede neural, bem como os novos estudos da mente e da consciência e demais campos do saber consideram como base para suas descobertas o novo paradigma da Mecânica Quântica. Esta considera o mundo em função da inter-relação e interdependência de todos os fenômenos. Nessa estrutura, chama-se de sistema a um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às de suas partes.

A Física Quântica apresenta-se como uma visão do Universo que funciona excepcionalmente bem e que serve para descrever sistemas inteiros, como átomos, moléculas, e até mesmo o cérebro ou o próprio Universo. De igual forma, almejar a perfeição, como objetiva a teoria expressa pela obra *BIOPAISAGEM*, requer uma compreensão evolutiva que, no mínimo, considere o ser humano de forma integral, como parte de um contexto que o constrói e é por ele construído.

A Física Quântica contesta velhos conceitos como trajetórias determinísticas de movimento e continuidade causal, revelando que não se pode decompor o mundo em unidades menores dotadas de existência independente. À medida que se penetra na matéria, a natureza não mostra quaisquer “blocos de construção” isolados. Ao contrário, surge como uma complicada teia de relações entre as diversas partes do todo e essas relações sempre incluem o observador, que constitui o elo final da cadeia de processos de observação. E as propriedades de qualquer objeto atômico só podem ser compreendidas em termos de interação do objeto com o observador.

No mundo quântico, não se pode falar sobre a Natureza sem falar, ao mesmo tempo, sobre nós mesmos. Somos tanto “Observador” e “Observado”. Estamos envolvidos no

mundo que observamos à medida que influenciemos as propriedades dos objetos observados.

O Observador integra-se aos processos da Natureza.

Em face da proposta evolutiva da *Teoria Intelorgânica* para a realidade futura do *Homem*, estabelecemos, então, como problema inicial, a questão da representação de um observador na BIOPAISAGEM.

O objetivo geral é o de realizar um estudo da obra quanto à suposta representação imagética do *OBSERVADOR DO MUNDO QUÂNTICO*, um elemento pictórico do quadro “*Cosmobiótica IV*”, pertencente à série: sua abordagem inicial é feita à luz do mundo quântico.

A realização deste estudo nos permite as primeiras incursões no conhecimento das concepções filosóficas e científicas da *Teoria Intelorgânica* desenvolvida pela artista, bem como de pesquisar sua trajetória de vida, valorizando e preservando a sua memória, posto ter-se destacado notoriamente na *Historia da Arte Pernambucana* e ter seu nome ligado às mais expressivas manifestações da Arte em Pernambuco, colaborando em sua projeção como estado de vanguarda nas décadas passadas.

Este primeiro estudo sobre a obra e vida da artista contribui com a literatura acadêmica, proporcionando referencial teórico para a Arte brasileira, cujos resultados poderão orientar e complementar pesquisas e demais pesquisadores sobre a *Historia da Arte no Brasil* e, por extensão, a sociologia, à trabalhos filosóficos, culturais e curatoriais, encerrando uma relevante contribuição para os estudos da *Arte Pernambucana*.

É também historicamente importante o seu pioneirismo como a primeira mulher de dupla competência, *pintora e crítica de Arte* no Brasil, relevando também sua presença feminina ao reconhecimento pelos seus profundos estudos filosóficos, numa época de reduzida valorização das mulheres na vida acadêmica e sua participação na história da construção do conhecimento. Lembrando que a temática é cercada por muitos preconceitos

tentando demonstrar, na sociedade fortemente patriarcal, uma suposta inferioridade natural da mulher.

Ladjane vivia numa época em que à mulher eram permitidos uma mente e corpo, mas não os dois simultaneamente: o corpo e mente. Destarte, jamais a mulher poderia produzir a razão, pois já possui a beleza, dicotomia esta, entre alma e corpo, que aparece no pensamento de Platão, em sua obra *O Banquete*.

A visão da inferioridade da mulher, em especial intelectual, esteve presente na História da Filosofia e continua sendo um desafio para as mulheres filósofas. Considerada como ser humano, a mulher é dotada de razão, todavia o uso pleno e adequado da razão ainda está reservado, majoritariamente, ao ser masculino.

A ausência histórica das mulheres na Filosofia pode ser explicada de diversas formas como a exemplo do fato de haver pouca produção de livros e textos de autoria feminina. Ladjane foi uma bela mulher, no conceito do “belo sexo” produzido pela cultura com o apoio da Arte e da Filosofia, e qual, “Homem do Renascimento”, expressava o seu extraordinário talento sob diversas formas das quais se evidenciam as Artes Plásticas.

Como muitas outras mulheres filósofas que produziram conhecimento ao longo da história porém pela via do silêncio, Ladjane produziu a sua BIOPAISAGEM através da sua “saudade do futuro”, numa obra magistral pelo primor técnico, ainda desconhecida do grande público.

Ladjane Bandeira desde jovem ligou o seu nome às mais expressivas manifestações da Arte em Pernambuco, Arte na sua melhor concepção, no seu melhor significado, seja nas Artes Plásticas, seja na poesia. Enfim, pela contribuição para a vida cultural de Pernambuco, foi considerada *uma mulher de expressão* no estado.

Considera-se que este estudo inicial justifica-se pelo seu caráter de ineditismo que apresenta, tendo em vista a inexistência de produção acadêmica a respeito da obra

BIOPAISAGEM criada pela Ladjane, tanto quanto uma pesquisa sobre sua vida, fertilidade e qualidade da sua produção artística e literária.

A efervescência cultural de Pernambuco, por mais de uma época, pode ser levantada através dos registros realizados por Ladjane Bandeira, jornalista e crítica de Arte, que escrevia em seus “Suplementos Culturais” e em revistas especializadas locais e nacionais.

Em suas colunas e cadernos, Ladjane abria espaços para artistas desconhecidos que desejavam experimentar novos meios e se inserir no circuito cultural das Artes; estimulava o intercâmbio de idéias, de procedimentos e de artistas de outras paragens, bem como ajudava a fortalecer a reformulação de políticas culturais, fomentando espaços para discussões com a sociedade.

Suas críticas, atitudes, opiniões influenciaram toda uma geração de artistas que iniciaram seus estudos na Sociedade de Arte Moderna do Recife - SAMR, movimento que, juntamente com Abelardo da Hora e Hélio Feijó, também foi fundadora. Em entrevista no Museu da Imagem e do Som de Pernambuco, em janeiro de 1981 registra:

Conheci o Abelardo da Hora por intermédio de um rapaz que ensinava e cuidava da disciplina do Colégio São José, lá de Nazaré da Mata . Não existia a Escola de Abelardo da Hora. Não existia nada. Abelardo estava sozinho lá no bairro dos Coelhos, isso em 1947. Então Abelardo começou a me orientar a respeito da Arte moderna porque eu copiava coisas que eu via como por exemplo uma apóstolo do Rivera, o pintor espanhol, sem saber quem era apenas porque tinha sido reproduzido no santinho no Colégio Santa Cristina em Nazaré da Mata onde eu havia estudado. Então, Abelardo começou a me orientar e eu inclusive nessa época comecei também a escrever para o Jornal do Commercio fazendo uma crítica, a primeira crítica que foi feita a Abelardo da Hora e também o meu primeiro trabalho publicado no Jornal do Commercio, aliás no Diário da Noite, porque o Diário da Noite era do Jornal do Commercio. Então eu fiz uma crítica sobre o trabalho de Abelardo, sobre a exposição de Abelardo que foi feita na rua da Imperatriz e Abelardo me apresentou a Hélio Feijó. Hélio era muito entusiasmado, queria fazer Arte de qualquer maneira, queria revolucionar Pernambuco, utilizar certos termos que os pintores franceses da época usava. Esse era o pessoal novo na época nas Artes plásticas no Recife. Os antigos eram o Lula Cardoso Ayres que não era assim tão antigo, Brennand também estava começando, o Aluísio também estava começando, Reinaldo Fonseca, Samico, entre outros.

A criação da Sociedade de Arte Moderna do Recife – SAMR foi a semente na implantação de importantes engajamentos artísticos no País, por se articular como um movimento artístico já preocupado na questão da luta social e da cultura popular. A SAMR,

em 1948, fomenta, um ano depois, a criação do Ateliê Coletivo. Este influencia a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP) no início dos anos 60 e que vai partilhar suas idéias com o Centro Popular de Cultura (CPC) do Rio de Janeiro.

Ladjane foi uma artista de transição entre a Arte Moderna e a Arte Contemporânea, esta última marcada pela reconciliação entre a cultura local e as influências pop vindas via CDS importados, revistas de Arte e de cultura pop.

É preciso valorizar e preservar aquilo que há de mais expressivo, de mais importante em Pernambuco: a sua cultura, suas tradições e a memória daqueles que fizeram a História como *História de Pernambuco*, a *História da Arte Pernambucana*, a *História da Literatura Pernambucana*. Aqueles que contribuíram para a projeção de Pernambuco como um estado de vanguarda em todos os movimentos, posição que ocupou nas décadas passadas e que, nas Artes Plásticas, teve o modernismo como sua fase inaugural.

O movimento cultural do modernismo surgiu para contrapor-se ao regionalismo naturalista da década de 20 e buscava integrar o elemento regional a uma estética nacional, como acontecia em toda a América Latina.

No Recife, essa dinâmica movimentava os intelectuais e especialmente os artistas da época e que, após a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Getúlio Vargas, em abandono a Arte abstrata tida como “alienada”, os artistas voltam-se para a construção de uma Arte engajada, mais condizente com sua realidade política e social.

Nas Artes Plásticas, tal consciência cultural foi tão forte que, anos mais tarde, influencia a produção de jovens artistas na década de 90 e início do ano 2000, que passaram a produzir trabalhos de autoria coletiva ou individual, onde o regionalismo, apesar de não ser a temática de parte da produção jovem, acabava por ser algo que pairava sobre a prática de todos os artistas. Este foi, pois, um pequeno exemplo do que constitui a significativa representatividade dos artistas das décadas passadas que lutaram para a projeção da Arte de Pernambuco no cenário nacional.

Ladjane, como jornalista cultural, assim exercia a demanda à sua época, articulava a sociedade culturalmente pela profissionalização dos artistas de sua geração, a visibilidade da Arte pernambucana e sua inserção no circuito nacional, deixando-nos fartos subsídios para uma historiografia futura das Artes Plástica de Pernambuco, pelas suas impressões vanguardistas sobre os rumos que a Arte seguiria no mundo globalizado.

Este trabalho procura investigar e melhor compreender uma extensa obra, estabelecendo uma relação entre o pensamento multifacetado da artista e os novos paradigmas da Ciência, considerando que artistas brasileiros, quase nunca, tentaram unificar Arte, Ciência e Filosofia numa concepção imagética como o é a BIOPAISAGEM.

Obra que se antecipa ao curso da História por realizar simultaneamente o futuro no presente como uma antevisão da realidade do Homem através de uma “saudade do futuro”.

O procedimento metodológico utilizado foi composto por levantamentos, investigações, compilação de textos, organização e análise dos dados coletados. As investigações seguiram as orientações de uma pesquisa exploratória, pois não há registros de conhecimentos acadêmicos sobre o assunto. Foram realizadas pesquisas e levantamento de material concernente à obra da autora, até o presente momento, em arquivos pessoais da própria autora e de terceiros. O levantamento foi constituído pelos registros documentais jornalísticos da autora no Arquivo Público de Pernambuco; no Instituto Cultural Ladjane Bandeira; bem como em críticas e notícias relativas às atividades literárias e plásticas da autora até a presente data; de publicações que as citem; e em coleta de material como desenhos, pinturas, xilogravuras, manifestos, poesias, romances, diários pessoais, história em quadrinhos, etc. no acervo do Instituto Ladjane Bandeira.

Foram realizadas entrevistas com artistas e escritores contemporâneos referentes a dados acerca de sua obra e depoimentos paralelos de familiares os quais se tornaram necessários durante os desenvolvimentos da pesquisa.

Para o desenvolvimento do trabalho, devido aos diversos desdobramentos a que poderia se propor, foi realizada uma compilação de textos, ligados entre si pelo tema, o problema da sobrevivência do pensamento filosófico da artista, mas, também, por uma rede de possíveis remissões internas: aquilo que um texto (que pode ser lido separadamente) deixa em aberto é retomado em um outro, anterior ou posterior. Sobretudo, essa escolha origina-se de uma busca real, não apenas temática, do que venha a ser uma boa práxis pensante, plástica, possível, atenta ao mundo.

Finalizando, foi realizada a organização e análise do material obtido, sua interpretação e conclusão. Técnicas de entrevista, gravações, documentação fotográfica e xerográfica também foram utilizadas durante o desenvolvimento do trabalho.

Este trabalho levanta a hipótese de que o “pequeno homem”, apresentado no detalhe do quadro (figura 1), representa o *Observador do Mundo Quântico*.

Da psicologia à Neurobiologia, da Arte às Neurociências Cognitivas, muito se tem questionado sobre como o cérebro humano organiza e traduz a realidade captada pelos sentidos e qual a relação entre a percepção e a consciência. Investiga-se o nexos entre dados sensoriais puros e a interpretação que o cérebro faz deles.

Os aspectos neurofisiológicos e perceptivos combinam-se na interpretação da realidade e de como a consciência distorce a sensação da passagem do tempo cronológico. É como uma recomposição de todo o mundo material no espaço dado a cada inteligência humana. A nova *Ciência das Possibilidades* nos diz que o que acontece dentro de nós é que define o que acontece fora de nós. No mundo quântico tudo é experiência e percepções da realidade.

A percepção é uma relação do sujeito com o mundo exterior e não uma reação físico-fisiológica de um sujeito físico-fisiológico a um conjunto de estímulos externos (como suporia o empirista), nem uma idéia formulada pelo sujeito (como suporia os intelectualistas). A relação dá sentido ao percebido e ao percebedor, e um não existe sem o outro.

O mundo percebido é qualitativo, significativo, estruturado e estamos nele como sujeitos ativos, isto é, damos às coisas percebidas novos sentidos e novos valores, pois as coisas fazem parte de nossas vidas e interagimos com o mundo. O mundo percebido é também um mundo intercorporal, isto é, as relações se estabelecem entre nosso corpo, os corpos dos outros sujeitos e os corpos das coisas, de modo que a percepção é uma forma de comunicação que estabelecemos com os outros e com as coisas.

Na teoria fenomenológica do conhecimento, a percepção é considerada originária e parte principal do conhecimento humano, mas com uma estrutura diferente do pensamento abstrato, que opera com idéias. A percepção sempre se realiza por perfis ou perspectivas, isto é, nunca podemos perceber de uma só vez um objeto, pois somente percebemos algumas de suas faces de cada vez; no pensamento, nosso intelecto compreende uma idéia de uma só vez e por inteiro, isto é, captamos a totalidade do sentido de uma idéia de uma só vez, sem precisar examinar cada uma de suas “faces”.

No quadro *Cosmobiótica IV* (figura 1) da série BIOPAISAGEM, onde cada peça propõe-se a mostrar a evolução do pensamento da artista, vemos três perfis humanos, numa representatividade das várias perspectivas que integram o todo da percepção humana, vistas como soma dos estímulos captados ou como formas organizadas e como estruturas enviadas pelo nosso cérebro.

Da forma como nosso cérebro está equipado, só vemos o que acreditamos ser possível, uma vez que usamos padrões adquiridos através de condicionamentos e isto significa que criamos realidades. Objetos podem existir a nossa frente, e, no entanto, se não temos padrões preexistentes de como eles poderiam ser, não participamos da experiência, ou seja, não “participam do nosso campo visual”. Só percebemos as coisas após refleti-las em nossa memória, então, ao “experienciá-las”, elas viram realidade para nós. Estamos, pois, na linha do virtual. Para a Ciência, somos sempre observadores, então, teremos que nos limitar ao que o cérebro humano é capaz de captar.

Na teoria do conhecimento proposta pela *Intelorgânica* de Ladjane Bandeira, não se separa a experiência vital do conhecimento. A teoria baseia-se na função de captação, tradução evolutiva e transmissão do processo e aperfeiçoamento do conhecimento. O pensamento é a energia produzida no cérebro e pode construir realidades.

Para a Física Quântica, o mundo são realidades em potenciais e a consciência aparece como guia para quais destas possibilidades escolher. Conhecemos a influência essencial do *observador* para os experimentos quânticos e o papel importante da captação da “paisagem externa” para a construção do pensamento na teoria científico-filosófica desenvolvida por Ladjane Bandeira.

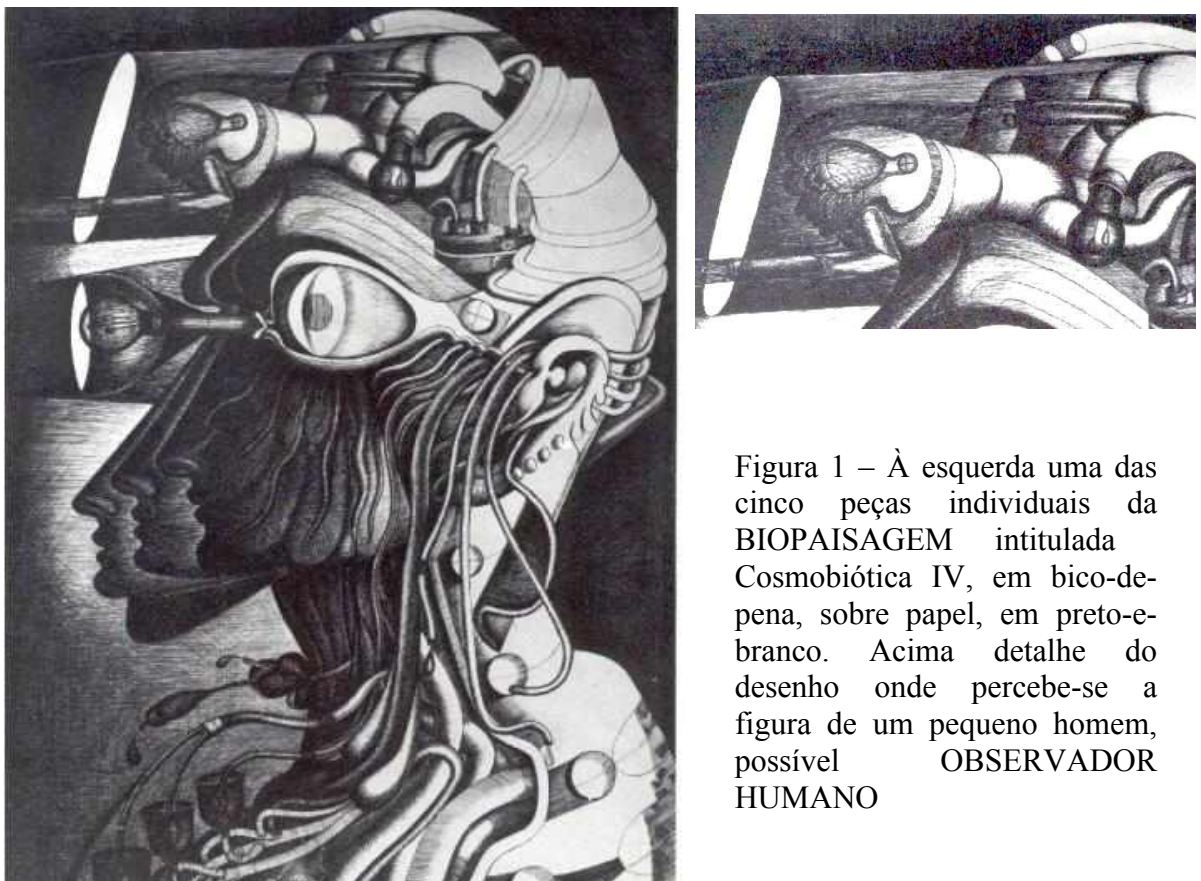


Figura 1 – À esquerda uma das cinco peças individuais da BIOPAISAGEM intitulada Cosmobiótica IV, em bico-de-pena, sobre papel, em preto-e-branco. Acima detalhe do desenho onde percebe-se a figura de um pequeno homem, possível OBSERVADOR HUMANO

II - LADJANE BANDEIRA: Uma Mulher Plural

A importância da presença feminina na história da Arte foi, até há pouco tempo, subestimada. A divulgação, a popularização do trabalho da história destas artistas e a inclusão de seus nomes entre os mestres da pintura foram um fato recente da segunda metade do século XX. Uma luta que, à medida que realizavam suas conquistas sociais, políticas e econômicas, também almejavam participação ativa na cultura na condição artística.

Hoje é confirmada a grande contribuição das mulheres na História da Pintura, principalmente na Pintura Moderna, marcada por expressiva presença de pintoras. Simultâneo ao acréscimo do número de pintoras, houve, também, uma elevação no número de mulheres Críticas de Arte, de Historiadoras de Arte, de Curadoras de Mostras, Diretoras de Instituições Culturais e Museológicas.

No Brasil, a partir da pintura moderna, surgem nomes como Anita Mafalti, Tarsila do Amaral, Tomie Otake, mulheres pertencentes a História da Pintura Brasileira sobretudo a pintura Moderna e Contemporânea.

No período da colonização portuguesa, Pernambuco foi um dos mais importantes centros de produção de pintura no País e continuou ao longo do tempo a contribuir com grandes nomes e nos vários momentos da História da Arte Brasileira, nomes como Teles Júnior, Vicente do Rêgo Monteiro, Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres e tantos outros, incluindo-se nesta lista o nome também de três mulheres pintoras, cujas trajetórias de vida confundem-se com a própria História da Arte em Pernambuco.

A partir da vida e da obra de Rita de Souza, com sua ousadia e pioneirismo no Brasil colônia; Fédora Monteiro, com seu espírito de renovação que a levou a Arte moderna; e Ladjane Bandeira, pela sua consciência no registro, educação e divulgação da Arte, podemos mostrar, pelo olhar feminino, toda a História da Pintura em Pernambuco.

Artista de transição entre a *Arte Moderna e a Arte Contemporânea*, Ladjane, além de produzir *Arte*, considerada como elemento de linguagem e expressão cultural de uma Sociedade, tinha consciência do quanto era importante o registro desta evolução e dedicou-se, como crítica de Arte, a analisar os caminhos e descaminhos das Artes Plásticas do nosso estado, nas diversas fases da História da Arte Pernambucana, registrando-a para a composição de uma historiografia futura e escrevendo, também, sobre a notável representação de nossos agentes culturais no cenário nacional e internacional. Ladjane Bandeira foi poeta, artista plástica, escritora, crítica de Arte, teatróloga e jornalista.

É a partir do seu legado cultural e intelectual que encontramos fartos subsídios para o estudo de uma grande parte da evolução da nossa pintura em seus diversos aspectos, quer como instrumento de investigação e descoberta, expressão e afirmação, experiência de libertação, superação e evolução.

Através de sua atuação à frente dos suplementos e revistas culturais do nosso e de outros Estados, no campo da literatura, do jornalismo e das Artes plásticas, escrevendo em colunas especializadas sobre Arte, publicando estudos, teses, artigos e entrevistas, a artista disseminava conhecimento contribuindo para a formação cultural do povo pernambucano, permitindo-lhe o acesso à informação e à conseqüente formulação de reflexões críticas sobre Arte e Cultura.

Considerada pela comunidade artística e literária como a “Bandeira de uma época” pela forte marca intelectual que impregnava em suas ações e pela admiração que sua imagem impunha escrevendo há tanto tempo, Ladjane colaborou de forma direta ou indireta com os movimentos artísticos do estado. O comportamento e atitude de Ladjane frente à vida eram tidos como arrojados e corajosos para a época: andava de moto pela cidade interiorana de Nazaré da Mata e, já no Recife, ousava participar de *happenings* e de manifestações de movimentos modernistas, na década de 40. Usava calças compridas e dispensava o uso do chapéu em eventos sociais, atitudes escandalosas para a época. Tais atitudes eram imputadas

às influências do comportamento europeu dadaísta e surrealista, pretendendo impor não somente um novo estilo artístico mas também uma nova modalidade de vida, considerada avançada para a época.

O espírito de luta, a obstinação pelo trabalho, a vocação jornalística, a obsessão pelo ideal de mulher tranqüila e feliz consigo e com o Universo mental que abraçou com o pensamento e a originalidade de sua posição humana foram as principais características de sua personalidade e performance de figura sensitiva e de grandeza artística e que representava para alguns um símbolo cultural, como de fato foi reconhecida oficialmente *Personalidade Cultural* na década de 60 e 70, por duas vezes em Pernambuco e uma nacionalmente.

Ladjane Bandeira reativou por várias vezes o movimento cultural do Recife, reunindo um grupo forte de ativistas intelectuais e artísticos para fortalecer as reservas pernambucanas da cultura de exportação.

Em depoimento na primeira página de um jornal de Recife, Ladjane afirmava que, pela pintura, sentia revelar de maneira mais completa e satisfatória o mundo que nela existia. Declarou que escrevia contos, poemas, artigos, mas, nenhum gênero de literatura a libertava mais plenamente exceto a pintura. E afirmava que “um artista só se liberta, quando fica em sua obra”.¹

Como todo pensador, Ladjane detestava o “barulho com palavras”, evitava sair de casa e o que mais gostava era de estudar. Para as pessoas que achavam estranho o seu modo de vida e a sua solidão, ela tinha a frase na ponta da língua: “É feliz quem tem a sorte de viver só. Quando se tem uma vida inteira cognoscente, plena, criativa, povoada de idéias, não se sente necessidade da presença física e sim do pensamento das pessoas. Esse eu encontro nos livros, na Música, na Filosofia”.

¹ No dia 14 de agosto de 1948, no "Jornal Pequeno", publicado na cidade do Recife, (órgão "independente e noticioso", fundado por Thomé Gibson), neste seu número 183.

Mulher de grande talento criador, técnica aprimorada e de espírito inquieto e empreendedor que se refletia em seus trabalhos acompanhados de constantes pesquisas. Havia uma marca de inquietação estética, filosófica e científica e de incisivo poder de reflexão especulativa registrado em suas anotações pessoais e nas fundamentações teóricas de suas produções iconográficas. Sua pintura refletia filosoficamente sobre o mundo, não que ela fosse reduzida na filosofia ou que fosse programada para ter uma diretriz filosófica, mas, como ela era muito inquieta, a sua pintura sempre tinha essa marca de “inquietação”.

Nunca foi política apesar de ser uma figura pública bastante conhecida. Toda a sua vida se ocupou unicamente da atividade intelectual, discursando nos mais renomados centros de construção do saber no Brasil e no exterior.

Seu poema “As Simetrias” foi utilizado como abertura de um sério artigo científico do prof. Carlo Borghi, italiano, doutor em Filosofia, físico nuclear e sacerdote católico que representou o Vaticano na I Conferência Internacional de Energia Atômica em Genebra. O artigo foi impresso na revista ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS da Universidade Federal de Pernambuco em outubro de 1969.

Em meados dos anos 80, Ladjane se recolheu em seu apartamento para encontrar novos rumos para sua Arte, condizentes com sua sensibilidade e seu poder criativo.

O seu longo silêncio passou não apenas estudando, mas trabalhando consciente e meticulosamente, tentando unir sua mente científica a um conceito filosófico que chamava *de “Teoria Intelorgânica”*. Planejou tornar esta sua solidão cuidadosamente construída, cada vez mais cognoscente para conhecer-se melhor e projetar-se inteiramente em sua Arte. Segundo dizia “Queria conhecer-se bem, pois assim os outros me poderiam conhecer um pouco mais e, desta forma, terei me comunicado, mesmo depois da minha morte, através dos meus trabalhos”.

Ladjane Bandeira faleceu, vítima de carcinoma, em junho de 1999 e dedicou os últimos dez anos de sua vida vivendo de forma isolada da sociedade, de amigos e familiares,

para produzir um rico acervo literário, iconográfico e documental para apreciação futura.

Segundo suas próprias palavras:

Antes mesmo de sermos jogados na vida, sem consulta prévia e sem direitos à opção, começamos a ser agredidos pelo tempo. Isso no leva, desde logo, ao desejo consciente ou inconsciente de lutar contra essa transitoriedade que nos antecede e ampliar nossa pequena eternidade. Daí por que me empenho em prolongar minha pequena eternidade na eternidade dos outros, através da minha Arte. O que realmente me importa é a saudade do futuro.

(M. Ângelo. Diário de Pernambuco, Panorama Literário. “O Gesto e o Grito em Ladjane Bandeira”. 20/11/81. p b7)

Infelizmente, por não realizar muitas exposições, recusar-se a vender seus trabalhos e pela sua determinação em viver reclusa, saindo pouco de casa, Ladjane Bandeira, após a década de 80, não se tornou muito conhecida do público, pois não divulgava mais os seus trabalhos. A artista muito produziu e escreveu. Em sua grande maioria, esta produção é composta por obras inéditas encontrando-se hoje sob a guarda da instituição que leva seu nome, fundada para a realização do Museu Ladjane Bandeira, conforme sua vontade.

2.1. DO INTERIOR À CAPITAL

Maria Ladjane Bandeira de Lira, natural de Nazaré da Mata, cidade a 65 km de distância do Recife, filha de João Vieira de Lira e Isith Bandeira de Lyra, nasceu no dia 5 de junho de 1927 e faleceu em 24 de março de 1999 no Recife.

O avó paterno de Ladjane, Bernardino Vieira de Lyra, era um homem de sensibilidade e imaginação, tendo, após a sua morte, merecido várias referências e até crônicas inteiras no Diário de Pernambuco do poeta Mauro Mota, que o conheceu quando criança e adolescente em Nazaré.

Foi Bernardino Lyra quem levou para Nazaré o primeiro automóvel, fundou a banda de música “Euterpina Juvenil de Nazaré”, que até hoje ainda existe. Sendo

personalidade de destaque, Nazaré da Mata guarda a memória do seu nome em uma de suas ruas. Ana Pereira de Lyra, sua esposa, era uma mulher forte e decidida, tomou a direção da família após a morte do marido aos 55 anos, vindo a falecer aos 96 anos. A sua “Vó Ana”, como a chamava Ladjane, foi uma forte referência feminina que a influenciou durante sua adolescência no convívio familiar.

Tendo nascido no dia de São João – daí chamar-se João – o pai de Ladjane, cardiopata, morreu aos 26 anos, no dia 1 de maio de 1927, época em que Ladjane tinha um ano e onze meses. Após quatro anos de viuvez, sua mãe Isith voltou a casar-se com Severino de Moraes Coutinho, passando a assinar-se Isith Bandeira de Mello Coutinho.

Os avós maternos de Ladjane eram Ana Carolina Tavares Cavalcante de Albuquerque Wanderley Bandeira de Mello e Francisco Cadena Bandeira de Mello, porém deles Ladjane não deixou quaisquer registros em seus diários. De seu primeiro casamento, Isith teve quatro filhos: Maria da Conceição, que morreu com quinze dias de nascida; Ladjane; João Lyra Filho; e João Stênio, que também veio a falecer poucos dias após seu nascimento.

De seu segundo casamento com Severino Coutinho teve ela igualmente quatro filhos, porém dois ainda pequeninos vieram a falecer, ficando apenas a filha Ana Maria e o filho José Marconi. A mãe de Ladjane era uma mulher de forte personalidade e inteligência, escrevia poemas que Ladjane, ainda pequena, os recitava na casa de suas colegas de escola. Isith Bandeira tinha certa tendência artística para a Música, por influência do compositor Antônio Gomes de Araújo Pereira, razão pela qual resolveu aprender a tocar bandolim. Fato que veio a influenciar Ladjane, inculcando-lhe o desejo de ser um dia compositora de “Música Clássica”.

A perda de quatro filhos em tenra idade, em dois casamentos, transformou Isith Bandeira numa mulher de iniciativa, de caráter decidido, autoritária e forte, o que, em alguns momentos, conflitava com o espírito inquietante e também autoritário da adolescente Ladjane.

Isith Bandeira faleceu em 1980, deixando quatro filhos e netos. Um neto descendente da filha Ana Maria; cinco netas descendentes do filho João Lyra; e duas netas descendentes do filho José Marconi. Ladjane não casou e não teve filhos.

Em Nazaré da Mata, onde morou até seus 18 anos, Ladjane teve uma infância tranqüila e percebia-se claramente sua tendência artística desde ainda muito nova, aos 2 anos de idade, quando lhe bastava uma caixa de lápis de cor e um papel à sua frente para fazê-la parar de chorar. Adorava desenhar e pintar. Aos 11 anos, já tinha um livro de poesias pronto e havia escrito seu primeiro romance aos 14 anos.

Iniciou seus estudos aos cinco anos de idade no Colégio Santa Cristina, instituição de instrução cristã, de ordem internacional de freiras, cuja diretora - a “Madame” Alexandrine - era de origem belga. Lá estudou até a sua formatura em pedagogia, em dezembro de 1944, aos dezessete anos e meio, porém, desde seus quinze anos, já ensinava nas escolas do município.

No colégio, não podia pagar as aulas de pintura nem de música, mas tal dificuldade não minava seu temperamento dinâmico e perseverante. A menina Ladjane, fugindo de algumas aulas e escondendo-se nas grandes salas de música, trancava-se e iniciava seus estudos em composição musical sozinha, ficando horas a aprender a tocar piano. Queria ser compositora, mas, ao perceber, no futuro, que tal empreendimento lhe exigiria um estudo profundo, uma técnica muito grande e uma paciência enorme para se tornar um *virtuosi*, desistiu da profissão, mas não a paixão pela Música. Anos mais tarde, já adulta, comprou quase tudo sobre Música, emprestando inclusive sua enciclopédia do gênero clássico ao teatrólogo pernambucano Waldemar de Oliveira.

Era nos momentos de intensa criação, na solidão de seu apartamento, na Rua da Aurora, que óperas e árias a inspiravam. Em seu acervo pessoal, encontram-se inúmeras partituras de autoria própria, como marchas carnavalescas e mesmo composições do gênero clássico.

À época existia o Colégio São José, escola de meninos e rapazes, dirigido pelo padre João Mota, irmão do poeta e jornalista Mauro Mota. O padre Mota era um homem de mente aberta com uma vocação inata de educador moderno, profeticamente vivendo uma educação do futuro, quebrando quase todas as rotinas já esgotadas da educação do século XIX e XX. O Colégio Santa Cristina, escola exclusivamente de meninas e moças, na época, era uma instituição de alto nível e de referência para o país. Ladjane, tão logo se formou em pedagogia, foi professora de desenho de ambas as instituições. Ensinava nas séries primárias e todas as cinco séries do curso ginásial.

Na sua formação intelectual, o fato de Ladjane ter sido aluna do padre Daniel Lima teve uma grande importância na vida da artista. À época, o padre Daniel, seu professor de Filosofia, poeta e crítico cultural era diretor do jornal cultural GAZETA DE NAZARÉ, o sendo por quase 40 anos. O periódico era semanal, de grande repercussão no Recife e bastante respeitado em Pernambuco.

Foi através dos incentivos do filósofo Daniel Lima que Ladjane, por volta de seus 14 anos, começou a escrever alguns artigos para o GAZETA DE NAZARÉ. A artista também já colaborava com o FIDES INTRÉPIDA, jornalzinho do próprio Colégio. Afirma Daniel Lima, em entrevista cedida e atualmente com 92 anos, que sempre foi um homem voltado mais para o núcleo intelectual das coisas e que Ladjane mostrava muito interesse em suas aulas de Filosofia, não ficando com o simples dado didático. Ela queria ir além, desdobrando as perguntas e indagando sobre os mistérios do objeto ensinado, questionando sobre aquilo que era a implicação do dado objetivo, isto é, o criativo, o que ainda não existia como dado, que precisava existir se interrogado fosse o objeto. E assim ela o fazia. A aula era apenas um ponto de partida para Ladjane, que depois procurava conversar com o seu mestre, o qual sempre estava disponível para os alunos, uma vez que entendia ser o começo da verdadeira aula o “depois da aula”, pois permitia a estes acharem falhas na explicação

fornecida “durante a aula” e procuravam interrogar seu professor. Em depoimento, o filósofo Daniel Lima registra que:

Ela me deixava naquele ponto ideal que eu achava que não existisse, que era a de um aluno que rebatia a bola jogada para ele. Ladjane não se satisfazia como os outros alunos com qualquer coisa que eu dissesse. Ela não aceitava tranquilamente nenhuma exposição que deixasse tudo em ordem, bem organizado e tranqüilo para dormir em berço esplêndido. Ela gritava em cima do objeto, interpelava, sacudia. A gente tinha que ir além do que a gente preparava na aula. Isso era muito dela. Ela estimulava o professor e não o deixava cair na rotina. Não se satisfazia com respostas generalizadas pois sabia que em cima de uma resposta cabia uma outra pergunta, que era o caminho da sabedoria, de Sócrates.

É o padre Daniel Lima, que Ladjane deixa registrado em seus diários pessoais, como sendo uma grande influência que recebeu e que despertou a sua paixão pela Filosofia. Foi sob sua orientação que a artista norteou sua vida para “uma solidão consciente e sabiamente construída para melhor conhecer-se e, através de seu próprio conhecimento, conhecer a humanidade.”

No Colégio tudo o que pegava, copiava, desenhava, fazia retrato dos professores, de forma espontânea, sem orientação e seus desenhos despertava a admiração dos professores. O médico Aristides de Paula, seu professor de ciências do Colégio Santa Cristina, reconhecendo sua aptidão, sempre lhe que fizesse alguns dos seus gráficos para suas aulas de biologia. Ampliou para ele células, espermatozóides, óvulos, fetos intra-uterinos, bastonetes, mitocôndrias etc. Tal atividade muito provavelmente, vinte anos depois, seja a fonte do primor de detalhes encontrados nos desenhos de tais artefatos biológicos na série pictórica a bico-de-pena, chamada BIOPAISAGEM.

Foi o contato com o consciencioso professor Aristides, homem de visão direta e grande fidelidade ao objetivo ensinado, sem grandes vôos de criação, que tais características vieram em cheio ao encontro da visão prática, racional e científica da mente da adolescente Ladjane e que a influenciou quanto ao amor e respeito à ciência, a admiração profunda pela Biologia, a Paixão pela Física, Astronomia e Matemática. Ladjane tinha uma mente

profundamente racional, científico-filosófica com forte inclinação à atividade de pesquisa científica e à investigação, a qual realizava paralelamente de forma a fundamentar teoricamente todas as suas obras, quer pictóricas ou literárias, e jornalísticas.

São inúmeros os registros encontrados no acervo pessoal da artista com estudos sobre as Ciências Naturais, Exatas e Humanas, em especial as ligadas a Arte e a Ciência. Tinha certas místicas com números, influências de Pitágoras, cuja obra estudou exaustivamente durante décadas. A adolescente desenhista tinha como ídolos na pintura Miquelângelo e Leonardo da Vinci, na música Beethoven e na literatura Dostoievski. Mais tarde, com o seu desenvolvimento intelectual e a experiência artística e literária, mudaram suas referências, mas Beethoven permaneceu.

À medida que amadurecia pondo em prática suas iniciativas artísticas e literárias, sentia que o ambiente em Nazaré da Mata não lhe possibilitaria grandes desenvolvimentos. Já desenhara e pintara com frequência. Então, no ano de 1947, com 20 anos de idade, pegou um de seus escritos e corajosamente o submeteu a apreciação do Esmaragdo Marroquim, na época Secretário Geral do Jornal do Commercio do Recife, que o publicou imediatamente no Suplemento Literário dominical, no qual era diretor. Daí por diante, tornou sistemáticas as suas viagens de trem à Recife, entregando ao Jornal do Commercio as suas contribuições literárias, poemas, crônicas e críticas, as quais eram sempre publicadas, não sem antes passar pelo crivo do poeta Mauro Mota e do exigente e seletivo Esmaragdo Marroquim, ambos do Jornal do Commercio.

Este oportuno espaço conquistado para divulgar a sua produção literária na capital foi o suficiente para que a jovem Ladjane, no ano de 1948, sentisse que deveria alçar vôos mais altos e transferir-se para o Recife. De fato, anos mais tarde, recebeu convite para fundar e dirigir uma página de Arte no Jornal do Commercio.

Tão-logo chega ao Recife, no ano de 1948, sabia que para sobreviver teria que ser professora na capital, para tanto resolveu fazer um curso de pós-graduação, atendendo a

exigências da Secretaria de Educação e Cultura para lecionar nas escolas do Recife, mas não finalizou seus estudos. Um dos motivos para sua mudança de planos foi o contato que teve com vários artistas como Abelardo da Hora e Hélio Feijó, que a convidaram para fundar a SAMR - Sociedade de Arte Moderna do Recife, o fazendo em princípios de 1948, ano em que realizou sua primeira exposição individual no Salão nobre da Faculdade de Direito de Recife. Naquele mesmo ano e local, expõe Cícero Dias seus trabalhos, tecendo, nos jornais locais uma ótima crítica sobre a pintora (Jornal Pequeno - Recife, PE 14/08/48): “Em nenhuma pintora nascente vi uma tão grande manifestação de personalidade, de segurança e firmeza nas cores e nas formas.”

Segundo o escritor Aluísio Furtado de Mendonça, em entrevista concedida:

Quem não privasse com Ladjane bandeira, julgá-la-ia, à conta de sua fama, seriedade e inteligência, uma bela mulher pretensiosa e arrogante. No trato íntimo, porém, Ladjane era outra: irradiava gentileza, afabilidade, jovialidade e prestabilidade, a todos atendendo e servindo, sem afetação ou prosápia.

Talento e cultura, de mãos dadas, faziam dela uma conversadora extraordinária, admirada e invejada. Com a mesma facilidade e segurança, focava problemas de Ciência, Filosofia, Estética, Literatura ou Sociologia e Arte. Era uma personalidade multifacetada, cheia de idéias e projetos em ação que personificavam bem a frase que lhe é atribuída – A Bandeira de uma Época.

A obra de Ladjane revela-se em diversas áreas e técnicas, desde o desenho, a caricatura e o óleo, passando pelo retrato, paisagem e pintura mural, xilogravura, alumínio, plástico. Ladjane era uma personalidade inconfundível. Caracterizam-na, essencialmente, o inconformismo e a ânsia de liberdade.

2.2 – O TRABALHO JORNALÍSTICO

Ladjane Bandeira iniciou sua atuação jornalística no Recife no ano de 1948, dividindo com Isnar de Moura, o mérito da presença feminina na redação de um jornal àquela época. Ladjane foi a segunda mulher no jornalismo pernambucano.

O primeiro trabalho literário que Ladjane, ainda em Nazaré, viu publicado no Recife foi a crônica “Carro de Boi de minha infância” no Suplemento Literário do Jornal do Commercio, em 1947, e, no ano de 1949, já fazia colaborações como ilustradora, poeta e contista na Revista Nordeste, em que anos mais tarde tornar-se-ia sua diretora. A partir daí, passa a artista a colaborar com poesias, contos e ilustrações para os Suplementos Literários dos jornais Diário de Pernambuco, Folha da Manhã e Diário da Noite. Ilustrou poesias de Carlos Pena Filho, Mauro Mota, Joaquim Cardoso, Matheos de Lima e outros escritores.

Em 1952, fundou e dirigiu até o ano de 1962 a página semanal intitulada “ARTE” no segundo caderno do jornal “Diário da Noite”, o qual em agosto de 1955 foi incorporado ao “Jornal do Commercio”, assim permanecendo até o início da década de 80, quando foi desativado. No Diário da Noite, Ladjane divulgou os artistas pernambucanos, em especial os artistas do Atelier Coletivo, fundado pela Sociedade de Arte Moderna do Recife – SAMR. Tal divulgação foi de grande importância para a *História da Arte* em Pernambuco. Para o artista Wilton de Souza, Ladjane era “uma pessoa extraordinária que sempre estava presente nos apoiando tanto como amiga como pintora e jornalista principalmente como jornalista.” Em seu depoimento na edição de 1970, do “Ateliê Coletivo”, Wilton de Souza ainda registra:

Ladjane prestou um grande trabalho para divulgação e desenvolvimento do Atelier e seus componentes...tínhamos uma boa cobertura em sua página de Arte. Nunca entendi sua forma de não participar conosco dentro do Ateliê. Atendia todos os colegas artistas quando a procuravam. Podemos considerá-la como um elemento integrante do Atelier.

A grande influência recebida pelo Atelier Coletivo não foi a Escola de Paris nem a Escola de Nova York que estava em voga com o final da Segunda Guerra Mundial. O fim da Segunda Guerra Mundial marcou o declínio da Escola de Paris e a ascensão da Escola de Nova York. Foi a Escola do México, dos pintores Diego Rivera e Cerqueiros, que influenciou o trabalho dos pintores do Ateliê Coletivo. Nos anos 50, havia um clima de luta pela brasilidade para as manifestações culturais e viam, como exemplo, as Artes mexicanas como uma cultura enraizada na tradição do próprio povo do México. Os pintores do Ateliê Coletivo não pintavam outro assunto que não fosse as figuras do povo, ou seja, trabalhadores e camponeses, por exemplo, e, mesmo no auge da pintura abstrata, eles continuavam figurativos.

O Atelier começou com as obras de Abelardo da Hora. Posteriormente, veio a fase de pesquisa de campo onde faziam incursões para desenharem terreiros de Xangô, feiras livres, bumba-meu-boi, Maracatu e outros temas populares. É dessa época a produção artística de Ladjane Bandeira, são: xilogravuras, desenhos e pinturas com temas do folclore pernambucano e suas manifestações culturais.

Em 1958, Ladjane assumiu a direção da Revista Nordeste e da Editora Nordeste, executando uma reestruturação artística na Revista. Em 1963, aos 36 anos, passou a dirigir o Suplemento Literário e Artístico do Jornal do Commercio do Recife e iniciou uma sessão diária chamada “ARTE LADJANE” em substituição a página semanal “ARTE” do Diário da Noite. Esta seção prolongou-se até o ano de 1968.

Desde 1969 suas críticas de Arte e escritos literários foram publicados em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo (“Folha de São Paulo”), “O Jornal”, “Diário de Notícias”, “Jornal de Letras”, “Tribuna de Petrópolis”, revista “Habitat (SP)”, e inúmeros outros. Em 1972, iniciou o JORNAL DE LADJANE, uma publicação semanal, na primeira página do terceiro caderno do jornal Diário de Pernambuco. Paralelamente às suas atividades jornalísticas como crítica de Arte e colunista, Ladjane também fazia reportagens, diagramava

o jornal e a revista Nordeste, paginava e era a impressora responsável pelo suplemento do “Jornal do Commercio” e da referida revista. Pintava, desenhava, gravava e escrevia contos, peças e poesias. Fazia exposições de suas obras em âmbito local, nacional e internacional. Concorria a Bienais e Salões de Arte; ministrava cursos e conferências; publicava manifestos sobre Arte. Em suas atividades jornalísticas, encontravam-se colunas e seções de Arte sobre História da Arte, ensaios sobre estética, ao mesmo tempo em que, fazendo crítica, fundamentava-as filosófica e sociologicamente, divulgando os valores locais.

Noticiava o movimento artístico nacional e internacional, entrevistava artistas, literatos, intelectuais, cientistas e pesquisadores. Entrevistou o cientista pernambucano Osvaldo Gonçalves de Lima, D. Gerardo Martin, George Raez, Piroška Kiszlerly, Vicente do Rego Monteiro, Fernando Barreto, Laerte Baldini, etc. e fez reportagens com grandes vultos da terra pernambucana como Gilberto Freyre, Luís Delgado, Nilo Pereira.

Jornalisticamente publicou estudos seriados com ilustrações de sua autoria acerca da azulejaria em Pernambuco e no Brasil. Trabalhos alusivos a D. Pedro de Orleans e Bragança, Franz Post no Brasil, Restauração Pernambucana, igrejas do Recife e de Olinda (Convento de S. Francisco, N.S. do Carmo e Igreja da Misericórdia). Em suas seções, as ilustrações relativas a estes estudos eram feitas a bico-de-pena, xilogravura e gravuras em gesso. Apareceram também estudos do mesmo tipo sobre Mitologia Brasileira, Folclore, Arqueologia, Cerâmica Indígena, Arte Moderna e de vanguarda, estética, Arte e tecnologia, Filosofia da Arte, Arte e ciência, Arte e comunicação, Arte popular e Arte e psicologia. Os temas arquitetônicos sobre cinema, teatro, cerâmica e tapeçaria também foram enfocados constantemente.

O sentido informativo e educativo sempre aparece nitidamente aliado à crítica de Arte e ao noticiário aos quais nunca se limitou. Preocupava-se com a fundação de museus que levassem a Arte ao povo e fez, em suas crônicas, campanhas no sentido da criação do

Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco notadamente nos anos 60 tendo, inclusive, lhe dado o nome.

Em 1965, Ladjane Bandeira foi eleita para a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), ligada à Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e à UNESCO. Na década de 50 (1957 a 1959), mantinha crônica diária na Rádio Tamandaré e na Rádio Jornal do Commercio do Recife, onde dava apoio e divulgação aos movimentos artísticos locais e levava ao ar o mesmo espírito e preocupação educativa de seus trabalhos na imprensa escrita. Foi entrevistada pela TV Tupy, do Rio de Janeiro, em 1966 e pela Voz da América em Nova York no mesmo ano em que visitou os Estados Unidos a convite do Departamento de Estado Americano.

Eleita “Personalidade Cultural” do ano em Recife, em 1963 e em 1967. Em 1972, recebeu a mesma homenagem pelo Jornal das Letras do Rio de Janeiro, órgão fundado e dirigido pelos irmãos Condé. Em 1968, representou Pernambuco e o Nordeste na 1ª Reunião de Críticos de Arte em São Paulo para a estruturação das bases Pré-Bienais nacionais, a convite de Chichilo Matarazzo.

Em 1972, foi convidada pela AICA - Associação Internacional de Críticos de Arte para defender tese na Reunião da entidade em Paris. No mesmo ano, no Recife, dá subsídios para uma História da Arte em Pernambuco, publicados no Boletim da Cidade do Recife em número especial, dedicado ao Sesquicentenário da Independência do Brasil.

Em 1982, gravou para o Museu da Imagem e do Som, depoimento para acervo. Em 1983, recebeu convite da AICA para participar de debates e conferências de seu congresso realizado em Caracas, Venezuela. Pronuncia, neste mesmo ano, a conferência “A Arte Tecnocrônica” no Museu de Arte Contemporânea, publicada no Suplemento Literário do Diário de Pernambuco. A partir da década de 80, não mais colabora com os jornais da cidade para dedicar-se à produção literária e artística de duas obras: A BIOPAISAGEM; e O GESTO E O GRITO.

Ladjane tinha uma inteligência de nunca confiar na improvisação para enfrentar os problemas a que procurou dar solução. Era uma “mulher de estudo” não apenas no seu modo de escrever como também no seu modo de dirigir, orientar e sistematizar as revistas que dirigia, as obras que pintava, as peças que escrevia.

2.3– O TRABALHO LITERÁRIO

O trabalho literário de Ladjane Bandeira iniciou-se em sua infância em Nazaré da Mata. Grande parte de sua produção poética permanece até hoje inédita assim como contos, romances e peças teatrais. Só uma pequena parte foi publicada em jornais e revistas e isto se devia ao fato da artista estar envolvida em muitas atividades paralelas e constantemente pela produção plástica em particular.

Seu intenso trabalho jornalístico não a impedia de fazer literatura, mas a preocupação em publicar o que produzia parece não ter tido preponderância em seus objetivos. Desde os seus onze anos de idade, pensava em publicar um livro de poesia, vez que já o tinha pronto, porém, somente em 1957, já residindo no Recife, conseguiu publicar seu primeiro livro: CANTIGAS. Livro editado pela Nordeste, com capa, diagramação e ilustração da própria Ladjane. Na época, acontecimento de grande repercussão nos jornais do Recife e do Rio de Janeiro. Suas duas edições ilustradas, paginadas e diagramadas pela autora mereceram grandes elogios assim como os poemas que o compõem.

Seu segundo livro, também editado pela Nordeste, foi a peça “A Viola do Diabo”, cuja capa, também de Ladjane Bandeira, foi reproduzida no “Profile of the New Brazilian Art” de Pietro Maria Bardi.

Na Gazeta de Nazaré da Mata foram publicadas as poesias “As Aves” em 18/10/42 e “Saudade” em 16/09/61, destacando a menina Ladjane, então com 10 anos de

idade, aluna do Colégio Santa Cristina. Inúmeras poesias foram publicadas em jornais do Recife e do Rio de Janeiro tais como: “Angústia” (Jornal do Commercio em 17/10/48); “Relíquia” (Revista “Presente de Natal” na edição de dezembro de 1948); “Saudade Apenas” (no jornal Tribuna de Petrópolis, seção Livros e Escritores, de 31/10/54); “Poema” (Tribuna de Petrópolis de 01/01/58); “Parto Sem Mágoa” (Jornal do Commercio do Recife, de 14/04/48) e “Mi Canción” (Jornal do Commercio de 4/12/49).

Das imagens poéticas que apareciam em seus primeiros versos até as suas últimas produções datadas do ano de 1993, percebe-se a evolução de um lirismo mais espontâneo, de formas elaboradas e mais abstratas. Sua obra poética foi sistematizada em livros manuscritos até a data de 1985 aos quais: “A Busca da Identidade” (De I a V); “O Processo Criador” (de I a IX) “Do Autocriador a Autocriatura” (de I a V dedicado a memória do poeta pernambucano Mauro Mota); “A Mão Esse Pássaro Digital” (de I a V) “A Tríade Conjugada” (I e II introdução ao livro do mesmo nome que conterà as poesias da série “Da Poesia ao Poema”, oferecido em homenagem a Manoel Bandeira, no centenário de seu nascimento (até o momento catalogadas de I a LIII) e “Cromopoemas”, em que associa a expressão plástica à poética.

Aparecem também datados de 1985 poemas independentes dos livros tais como: “Do Criador à Criatura”, dedicado ao centenário da Banda Euterpina Juvenil de Nazaré da Mata, criada por seu avô paterno; “Poema da Madrugada Moral”; poema “De Mim a Minha Mão”; poema “Quando Sou Capibaribe”; “O Gesto e o Grito” dedicado a obra pictórica de mesmo nome ; e “Biopaisagem Lúcida” de 11/02/87 .

A maior parte dos romances e contos que escreveu ainda é inédita. Há alguns fragmentos publicados como “Quilômetro Oitenta e Dois”, publicado com ilustração da autora na revista do Clube Internacional do Recife em 1959. Entre 1960 e 61, a artista escreveu os romances “Reverendíssimo Dr. Sexo”; “Nós, Os Místicos”; E as peças “Deserto de Deus”; e “Os Iniciados”.

Mas é com a peça a VIOLA DO DIABO, publicada na íntegra pela revista NORDESTE, que a artista torna-se conhecida como autora teatral, recebendo elogios da crítica especializada.² No mesmo ano, a peça foi duplamente premiada com: o “Samuel Campelo”, prêmio oferecido pela Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco; e com o “Vânia Souto de Carvalho”.

A peça foi reencenada em 65 e em 1979, pelo Teatro Experimental de Olinda. Mauro Mota, Gilberto Freyre, Nilo Pereira, Audálio Alves, Waldemar de Oliveira, Carlos Moreira e Oscar Mendes escreveram sobre a peça.³

Jornais cariocas O Globo e o Jornal do Brasil publicaram comentários encomiásticos sobre o sucesso alcançado no Recife pela peça e sua premiação⁴

Entre os contos publicados por Ladjane, encontram-se: “Um Crime Fantástico Ou O Absoluto Reversível”, conto Intelorgânico dedicado a Esmaragdo Marroquim, alusivo à série “A BIOPAISAGEM”; bem como o poema-conto do livro “Biotrânsito Anônimo”, ambos ilustrados pela autora.

² de 25/12/63, editada em 1965 pelas edições Nordeste de março, encenada em julho de 1964, no Teatro de Arena sob direção de Alfredo de Oliveira

³ Ver respectivamente Diário de Pernambuco de 11/07/64; Diário de Pernambuco de 30/08/64; Jornal do Commercio de 18/09/64 ; Jornal do Commercio de 23/8/64; Jornal do Commercio de 8/8/64; Jornal do Commercio de 28/8/64 e Jornal do Commercio de 26/07/64.

⁴ respectivamente em 20/01/65, 06/05/64 e 13/04/64.

2.4 – O TRABALHO ARTÍSTICO

Ladjane Bandeira trabalhava ininterruptamente como desenhista, pintora e gravadora, tendo também exercido a função de restauradora. Como tal, realizou trabalhos em 1954 para o Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, tendo-se tornado sua “Conservadora”. Em 1956, iniciou a restauração do acervo de obras de Arte do Palácio do Governo do Estado de Pernambuco.

A primeira exposição individual que a lançou como artista plástica ocorreu em 11/12/48, na Faculdade de Direito do Recife⁵. Em verdade, a artista, já era conhecida do público como desenhista e ilustradora por sua participação destacada, no I Salão de Poesia do Recife, em 22/09/48, evento este de grande repercussão. Sua estréia na exposição, teve sucesso garantido; elogios foram-lhe feitos por Fernando Oliveira Mota a seu traço “predominantemente de fuga e angústia”, o seu “conteúdo expressivo” e “poderosa força de comunicação”.

Constaram, desta exposição, 130 quadros entre: óleos, aquarelas e desenhos a crayon. Neste mesmo final de 48, a Sociedade de Arte Moderna do Recife preparava seu III Salão de Arte, no qual a artista expôs seus trabalhos juntamente com Lula Cardoso Ayres, Reynaldo Fonseca, Aloísio Magalhães, Augusto Reinaldo, Hélio Feijó, Francisco Brennand, Eliezer Xavier, Newton Navarro e Darel Silveira.

Os anos 48 e 49 marcam, assim, a introdução de Ladjane nas Artes plásticas e atividades artísticas outras. São desta época trabalhos publicados pela imprensa com técnicas de gravação: xilogravura e gravura em gesso no processo desenvolvido na Sociedade de Arte Moderna do Recife - SAMR por Abelardo da Hora.

⁵ Diário da Noite de 10/12/48, de 14/12/48; Jornal do Commercio de 10/12/48; Jornal Pequeno de 23/09/48 entre outras notícias publicadas na época

Algumas destas gravuras são publicadas no Diário de Pernambuco de 01/11/48, no Correio das Artes de 03/07/49, de 02/10/49 e na Revista Nordeste, número 3, datada de 1949. Aparece ainda, em 1954, a publicação do “Tricentenário da Restauração Pernambucana”, álbum de gravuras em gesso, prefaciado por José A. Gonsalves de Mello, diretor do Instituto Arqueológico, eminente pesquisador e especialista no assunto.

Em 1950, ilustrou a história em quadrinhos relativa à vida e à obra de Gilberto Freyre no cinquentenário de seu nascimento (Jornal do Commercio de março a abril de 1950).

Ladjane é premiada: no “Salão Anual de Pintura do Estado”, no ano de 1951, com o quadro A GUERRA, em 1953. Dois anos depois recebe o prêmio da Universidade Federal de Pernambuco no Salão do Museu do Estado.

Em 1957, participou do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro e, um ano depois, executou um painel-mural em grandes dimensões para a Escola Politécnica de Pernambuco, onde se encontra representada sua fase abstracionista.

Em 1958, fez uma exposição individual “Dez Anos De Pintura E Desenho”, inaugurando a Galeria LEMAC no Recife e atua como uma das promotoras da 1ª Feira de Arte do Recife, patrocinada pela Sociedade de Arte Moderna – SAMR. A Revista Nordeste, considerada a melhor revista artística à época, publica matéria especial em seu suplemento cultural sobre o êxito do evento.

No ano seguinte, realiza uma individual na Associação Cultural Franco-brasileira e é eleita presidente da Sociedade de Arte Moderna, sendo também escolhida como membro da Comissão julgadora do XVIII Salão de Pintura do Estado. Em 1960, participou de uma coletiva de artistas pernambucanos que percorreu o Brasil, Argentina, Europa e Estados Unidos. É, também, neste mesmo ano, ilustradora do Suplemento Literário do Correio da Manhã do Rio de Janeiro.

No ano seguinte, pronunciou o ‘Manifesto Emocionista’, lido na conferência do Departamento de Extensão Cultural da Secretaria de Educação do Recife. Em 1963, é diretora

da Galeria de Arte do Recife. Dois anos depois, participa da coletiva do Museu de Arte de São Paulo. Em 1966, viajou para os Estados Unidos a convite do Departamento de Estado, visitando os ateliês de Larry Rivas, Richard Lindner, Ponce de Leon entre outros artistas americanos.

Proferiu, na Universidade de Stanford, em Palo Alto, Califórnia, palestra sobre a Arte brasileira, especialmente nordestina e pernambucana. Esteve em vários estados norte-americanos onde manteve contato com artistas, visitou museus, galerias de arte, universidades (New York, Baltimore, Washington, Filadélfia, Boston, São Francisco, Los Angeles, Houston e Búfalo). Faz estudos no *The Museum of Modern Art* e no *Metropolitan Museum of Art*, em Nova York. No mesmo ano, realizou uma exposição individual na Galeria Internazionale de Nova York, tendo, na ocasião, sido entrevistada pela rádio “A Voz da América”. Participa, no mesmo ano, da coletiva nesta galeria ao lado de artistas franceses, italianos e americanos.

Em 1967, participa da IX Bienal de São Paulo e faz outra coletiva na Galeria Internazionale juntamente com os artistas Zadkine, Odilon Redon, Picasso, Gino Morandi, Archipenko, Weichberger, Izacyro, entre outros. Em Pernambuco, no ano de 1967, é membro, da Comissão julgadora do XXVII Salão de Artes Plásticas. Em 1968, viaja para São Paulo, onde permanece por dois anos. Torna-se membro da Associação de Artistas Plásticos de São Paulo e participa da 1ª Feira de Arte. Faz duas exposições coletivas uma na Galeria HOBJETO e outra na Galeria SOBRADO, em 1968.

Em 1970, volta para o Recife e dá início à série de desenhos a bico-de-pena intitulada BIOPAISAGEM trabalhando simultaneamente a óleo sobre tela e em cores. Em 1980 faz novamente parte da Comissão Julgadora do Salão de Artes Plásticas de Pernambuco, na sua XXXIII edição. No mesmo ano inicia a série de painéis a óleo O GESTO E O GRITO e é eleita diretora cultural da Associação de Artistas Plásticos de Pernambuco.

No ano seguinte é agraciada com a medalha de ouro da Academia de Artes e Ofício de Parma, na Itália e ganha “Sala Especial” no XXXIV Salão de Artes Plásticas de

Pernambuco no Museu do Estado, tendo sido a primeira artista pernambucana a receber esta homenagem. Em 1982 participa da I Exposição Internacional Latino Americana na Galeria Lula Cardoso Ayres, e da II Exposição Internacional de Outdoor, ambas no Recife. É membro da Comissão Julgadora do XXXV Salão de Artes plásticas de Pernambuco e no mesmo ano participa da coletiva OS PREMIADOS DO SALÃO no Museu do Estado.

Inicia neste ano a série, em grandes dimensões, realizada a bico-de-pena de O GESTO E O GRITO e no ano seguinte fez coletiva na Galeria de Arte Aloísio Magalhães no Recife e iniciou a série a óleo OS QUESTIONAMENTOS. Em 1984, participa da coletiva na Fundação Álvares Penteado em São Paulo e é presidente da Comissão Julgadora do XXXVIII Salão de Artes Plásticas de Pernambuco.

Em 1986, é curadora do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco em Olinda e iniciou a série OS CROMOPOEMAS usando bico-de-pena e aguada, numa técnica que funde imagens plásticas e poéticas, formas geométricas e conteúdo mítico. O primeiro trabalho desta série SOLARIS foi exposto em agosto de 1987, na Biblioteca Castelo Branco nas comemorações de seu aniversário de fundação e a autora o denominou de PLASTIPOEMA CROMÁTICO DE SIMETRIA DINÂMICA.

Ao voltar dos Estados Unidos, trouxe toda uma experiência a partir de contatos com artistas, obras de Arte resultantes de movimentos vanguardistas, novas concepções plásticas com utilização de recursos tecnológicos e materiais diversificados. Sob a inquietação e o impacto destas informações e tendências, sente-se impelida a pesquisas e reflexões em virtude de sua nova ampliada visão da Arte Viaja para o Rio de Janeiro e São Paulo e participa ativamente de articulações artísticas, quais sejam: coletiva itinerante pela Europa e América Latina e Bienal.

Nesta época utiliza o alumínio e percevejos numa série de trabalhos que denomina SEXANJOS (entrevista ao jornal Estado de São Paulo em 10/04/79). São elaborados artesanalmente desenhos nas folhas lisas do alumínio. Este, depois de amassado e prensado,

apresentava relevos e iluminação que lembravam aspecto da pintura bizantina. Antes da utilização do alumínio, a artista passara pela fase concretista, neo-concretista, abstracionista e tachista. Quanto ao EMOCIONISMO, seu manifesto, na entrevista concedida ao Estado de São Paulo, declara “ter sido uma tentativa de geometrizar a emoção racionalizando os sentimentos e aproximando opostos”.

Em 1964, antes de sua ida para os Estados Unidos e antes da eclosão do movimento tropicalista, a artista já mostrava uma tendência de utilização de novos materiais como ouro, lantejoulas, cobre e pedrarias, aplicados à pintura num todo colorido e temática folclórica. Todos os seus trabalhos expostos e vendidos nos Estados Unidos são desta fase, na qual aparecem: Bumba-meu-boi, Comadre Florzinha, Iemanjá, Saci, Xangô e Lobisomem. Sobre os SEXANJOS, declarou que representam “a ligação do sexo com a parte mais mística do amor numa tentativa de fazer a figura central se transformar em visões erótico-dinâmicas, verdadeiras metamorfoses de pessoas, animais e coisas”.

Já no Recife, após longa ausência, a autora da BIOPAISAGEM recolhe-se numa interiorização correspondente a um extenso período de dez anos dedicado a reflexão pessoal, em que há uma centralização e consagração total ao fazer artístico, marcando o início desta série, tema desta pesquisa.

III O MUNDO QUÂNTICO

A *Teoria da Relatividade* de Albert Einstein foi uma enorme contribuição à Ciência. A partir dela estabelecem-se, pela primeira vez, as bases físicas de uma Cosmologia Científica. A Física passa, então, a poder tratar de problemas como a origem e a história do Universo, que estavam circunscritos ao domínio filosófico. O projeto einsteiniano vai, aos poucos, ser estendido a todas as teorias físicas que descrevem as chamadas interações fundamentais da Natureza: gravitacional, eletromagnética, forte e fraca. Todas estas teorias podem ser executadas nas fronteiras do micro e do macrocosmo: no mundo das partículas elementares (interior do átomo) e no mundo das estrelas e galáxias (o Universo como um todo).

Entretanto, o que vai caracterizar o impacto da Mecânica Quântica sobre a cultura do século XX reside no fato de que a sua interpretação mais aceita (Escola de Copenhague) questiona o chamado conhecimento objetivo e põe em xeque o determinismo mecanicista. A Mecânica Quântica faz parte de um movimento cultural que atribui ao sujeito um novo papel e que engloba a psicanálise, o surrealismo e outros. Ao contrário da visão clássica sobre a natureza do cosmo, que prevalecia desde os dias de Isaac Newton, no final do século XVII, Einstein mostrou que o espaço - mais precisamente as medidas de distância entre dois pontos - e a passagem do tempo dependem do observador. Tais estudos marcaram o início da Mecânica Quântica.

A partir de 1925, a descoberta da teoria fundamental da Física Atômica, a Mecânica Quântica, e sobretudo as descobertas de Niels Bohr, Erwin Schrödinger, Paul Dirac, juntamente com a teoria de Albert Einstein revolucionam as leis da Física Clássica. Em Mecânica Quântica, tudo é quantificável em parcelas individuais (*quanta*); não só a energia, mas também o calor (entalpia) e a desordem (entropia) que a compõem. Como consequência, o mundo não é contínuo como se pensava em Física Clássica, mas descontínuo: apenas

algumas quantidades são possíveis. E é um descontínuo incerto, pois quanto melhor se conhece a posição de uma partícula, menos se sabe acerca da sua velocidade. Como tal, a Mecânica Quântica não prevê um resultado único e definitivo para uma observação, mas, antes, oferece um número de resultados descontínuos possíveis e as suas relativas probabilidades de serem observados (medidos). Esta nova ciência destruiu o determinismo científico, proposto por Laplace e Newton, e a sua aspiração a um modelo de previsão exata para o futuro.

Com as investigações de De Broglie, Schrödinger e Heisenberg para a Física Quântica, surge a “Física das Possibilidades”. Nada na matéria é estático. Tudo é imprevisível com partículas da matéria surgindo e desaparecendo a todo instante e não se sabendo para onde vão, sugerindo a existência de um “Universo paralelo”. Tais implicações são enigmas para as leis fundamentais da física e pertencem a um MUNDO QUÂNTICO. A concepção pragmática inerente à teoria quântica foi a resposta de Niels Bohr e Werner Heisenberg às concepções existencialistas propostas por Everett, Ludwig e Wigner, que sugeriam a existência de Universos múltiplos ou a ação da mente sobre a matéria.

Na década de 20, Heisenberg e Bohr, concluem na chamada “Interpretação Copenhague” que *“o que importa é a explicação de como o evento se mostra no momento da medição e não tentar imaginar se o evento está ou não lá antes da medição.”* A conclusão destes físicos vieram da constatação que é impossível tentar conceber o que é o elétron em si, pois, dependendo da forma como se o mede, ele se mostra ora como partícula ora como onda, trazendo à cena o “Princípio da Incerteza”. O elétron, não gira em torno do núcleo, mas ressoa de formas diferentes, dependendo da energia. Esses padrões vibratórios são os estados quânticos e os pulos entre as órbitas consistem em transições entre padrões vibratórios. De certa forma, o átomo é como um instrumento musical, com apenas algumas notas possíveis, cada uma correspondendo a um estado ou nível de energia. Uma consequência direta desse

modo de interpretar o elétron é que fica impossível dizer onde, precisamente, ele está em um determinado momento.

Os átomos e seus constituintes, elétrons, prótons e nêutrons, têm propriedades inteiramente diferentes dos objetos que vemos no dia-a-dia, como bolas, carros ou ondas na praia e chamamos de MUNDO QUÂNTICO a realidade em que essas entidades existem.

Segundo Heisenberg jamais podemos dizer com certeza onde se encontrará uma partícula subatômica, como o elétron, num determinado momento ou a forma pela qual ocorrerá um dado processo atômico. Tudo o que podemos é prever as *possibilidades*. As partículas podem estar em mais de um lugar do espaço ao mesmo tempo, seguir todas as trajetórias possíveis e atravessar barreiras como se fossem fantasmas. No mundo quântico, tudo flutua, nada é exatamente determinado: energia, posição, velocidade e a matéria é completamente imaterial. De fato o Universo é quase vazio e nuvens de elétrons aparecem e desaparecem de repente. No meio de átomos e moléculas, no espaço entre elas, as partículas ocupam um insignificante espaço e o resto é vazio.

Esse vazio é cheio de potencialidades que podem se realizar. Podemos, assim, substituir o nada por esse vazio quântico, que é instável e este mesmo vazio, conforme constatado, não permanece como vazio ao longo do tempo. Ele sempre se transforma em alguma coisa real. Passa a existir algo. Então, o que mais concreto podemos dizer sobre a matéria é que se parece mais com um pensamento. E o que forma as coisas não são outras coisas, mas sim, idéias, conceitos e informação.

3.1 – UMA VISÃO DE POSSIBILIDADES

Uma das importantes conclusões da Física Quântica é que a ordem do mundo está baseada em princípios não-materiais. A base do mundo material é não-material. A inseparabilidade da realidade foi revelada por experimentos nos quais partículas elementares

atuam uma sobre a outra a longas distâncias sem nenhuma delonga. Experimentos que testaram o Teorema de Bell mostraram que, sob determinadas condições, decisões tomadas por um observador num laboratório podem ter um efeito instantâneo no resultado de experimentos realizados num outro laboratório, a uma distância arbitrariamente longa. Duas partículas, que, num determinado momento interagem e depois se afastam uma da outra, podem permanecer conectadas e elas agem como se fossem uma coisa só, não importando quão afastadas estiverem uma da outra. Esse fenômeno define a não-localidade do mundo quântico. Se a natureza da realidade é não-local, ela é um todo indivisível.

Nesse caso, é possível inferir que um elemento de consciência esteja ativo no Universo (*Consciência Cósmica*), visto que nossa consciência emergiu deste todo e é parte dele. Afirma Teilhard (1999, p. 44):

Em torno de nós, muito antes de Bell derivar sua desigualdade (Bell, 1965, 1988), tão longe quanto o olho pode ver, o Universo se mantém unido, e apenas uma forma de considera-lo é realmente possível, ou seja, tomá-lo como um todo, num só pedaço. [...] Ele forma estruturalmente um Todo.

No mundo normal de nossa experiência sensitiva, a única entidade que conhecemos que reage ao fluxo de informação é uma mente consciente. Desse modo, podemos dizer que, nos fundamentos da realidade, *encontram-se entidades com propriedades semelhantes à mente*. Com base nos aspectos similares à mente das partículas elementares, tem-se que o Universo é da natureza de um pensamento ou sensação numa mente universal. A mente não mais aparece como um intruso acidental no reino material, mas como criadora e governadora do reino da matéria. Aspectos de consciência emergem em muitos fenômenos: as ondas probabilísticas não-materiais estão mais próximas da natureza de um pensamento do que de uma coisa.

Em saltos quânticos, os sistemas quânticos são espontâneos. . A espontaneidade na Física é a ausência de causalidade. Uma mente consciente é a única entidade que

conhecemos que pode agir dessa maneira. Então, em relação à realidade quântica, a linha de demarcação está entre o natural e o sobrenatural; entre o físico e o metafísico; e entre o mental e o material. Quanto às partículas elementares, estados semelhantes às idéias tornam-se semelhantes à matéria. Tudo o que nós observamos transforma-se em matéria. Em suas fronteiras, a realidade observável não se desfaz em nada mas em algo invisível. *A realidade física beira a metafísica.*

É possível considerar todo o Universo como um sistema quântico. Nesse caso, temos de esperar que, além dos estados ocupados que formam a parte visível da realidade, haja infinitamente muitos *estados cósmicos virtuais*.

Todas as coisas contêm estados vazios, que chamamos de *virtuais*. Visto que estão vazios, eles não são propriamente reais, mas podem tornar-se reais se um sistema salta para dentro deles. Isso lembra a tese de Parmênides de que *o movimento somente é possível se existe um espaço vazio para dentro do qual um objeto se possa mover*. Os sistemas quânticos confirmam o princípio de Parmênides: um sistema necessita de estados vazios (virtuais) a fim de ter condições de mudar.

Se a natureza do Universo é a de um todo, todos os estados são cósmicos, e os estados quânticos das moléculas soa uma parte da estrutura quântica do Universo. Somos assim conduzidos de maneira natural à visão de Teilhard (1956, p50) a respeito da vida como um fenômeno que:

Não pode mais ser considerado no Universo como um acidente superficial, mas deve, antes, ser considerado como estando sob forte pressão em toda a parte . pronto para explodir da menor fenda, não importa onde no Universo . e, uma vez efetivado, ele é incapaz de não usar cada oportunidade e meio para chegar ao extremo de sua potencialidade, externamente de Complexidade e internamente de Consciência.

Ainda sobre a concepção de Teilhard de Chardin quanto a teoria da evolução, um elemento de consciência existe em todos os níveis da realidade. A matéria e a consciência não são dois modos diferentes de existência, mas dois aspectos do Cosmo. A matéria nunca está realmente morta. Na natureza tudo é vivo e a vida é sinônimo de .consciência e esta, a base

primária de toda a realidade. A vida é o despertar da consciência.. Mesmo no reino vegetal, existe alguma espécie de psiquismo difuso, .crescendo à sua própria maneira. A evolução torna-se consciente de si própria e livre para dispor de si mesma.

3.3 – O OBSERVADOR DO MUNDO QUANTICO

Ao contrário da visão clássica sobre a natureza do cosmo que prevalecia desde os dias de Isaac Newton, no final do século XVII, Einstein mostrou que o espaço, mais precisamente as medidas de distância entre dois pontos e a passagem do tempo dependem do *observador*. Um segundo para você pode não ser um segundo para outra pessoa, se estivermos em movimento relativo, acelerado ou não. Somente quando um *observador* interage com o que está medindo é que um valor determinado é obtido, significando que natureza intrínseca da matéria não pode ser definida "a priori". A realidade emerge de forma clara apenas quando é convocada por algum *observador*.

Desde o início de sua formulação, a Física Quântica apresentou uma dificuldade essencial: a necessidade de se atribuir um papel fundamental para a figura do *observador* (aquele que está realizando um experimento quântico). Isso decorre do fato da teoria quântica ser de caráter não determinístico, ou seja, tratar-se de uma teoria para a qual a fixação do estado inicial de um sistema quântico, um átomo, por exemplo, não é suficiente para determinar com certeza qual será o resultado de uma medida efetuada posteriormente sobre esse mesmo sistema. Pode-se, contudo, determinar a probabilidade de que tal ou qual resultado venha a ocorrer. Mas, quem define o que estará sendo medido e tomará ciência de qual resultado se obtém-se com uma determinada medida é o *observador*. Com isso, a consciência é necessária para completar as formulações da Mecânica Quântica.

Ainda segundo Teilhard de Chardin os seres humanos tem claramente *um dentro*. Partículas elementares também tem *um dentro*, mesmo que ele se expresse de modo tão débil que não seja imediatamente visível.

Da forma como nosso cérebro está equipado só vemos o que acreditamos ser possível porque usamos padrões já existentes adquiridos através de condicionamentos e só percebemos as coisas depois de refletidas em nossa memória. Em testes realizados com o cérebro este demonstrou não saber a diferença entre algo que vemos e algo que não vemos porém lembramos. O cérebro não distingue o que ocorre *lá fora* (um objeto que nossos olhos vêem) e o que ocorre *dentro* da nossa mente (a lembrança do objeto quando fechamos os olhos, embora este não mais esteja à nossa frente). As mesmas áreas do cérebro acendem. Então, a questão é *se criamos realidade; experiências*.

Um elemento de consciência está atuante em todos os níveis da realidade. Com a Física Quântica alega-se que certos efeitos quânticos podem fazer parte do funcionamento do cérebro e que estes estejam envolvidos na manifestação da consciência.

Estudos sobre consciência e realidade tem longa tradição no pensamento filosófico, conduzindo os oradores a idéias muito diferentes sobre o que há na consciência e que precisa ser explicado. Em uma visão, a consciência é vista como algo fluido, um campo inquebrável de energia mental. Este "campo de consciência" pode existir em diferentes graus de força -- variando em intensidade entre humanos e animais, ou até mesmo entre sono e vigília -- mas de alguma forma é essencialmente a mesma coisa. O grande enigma então é quem alerta o cérebro sobre a experiência subjetiva? Quem ou o que negocia a transição de matéria inanimada para mente animada ? .

Há uma clara divisão entre filósofos, teóricos de complexidade, neurobiologistas e físicos quânticos. Ou se concebe a consciência como uma presença misteriosa, reflexiva, gerada pelo cérebro como uma alma dentro dele; ou a consciência é um processo cerebral, um padrão de informação criado sempre que o cérebro funciona.

Ver a consciência como somente um processo neural significa que não há nenhuma necessidade especial por um interruptor psíquico, algum poder ou esquema misterioso que faz o cérebro biológico se ligar com a consciência. A consciência é um fenômeno auto-definido, sendo a soma total de qualquer atividade neural que esteja tomando lugar no cérebro em um momento particular. Longe de ser um campo sem costuras de consciência a mente é construída de quaisquer padrões que estejam saltando sobre os circuitos do cérebro em um momento particular e todos os nossos pensamentos e sensações de um momento, definem nossa consciência.

Os físicos esperam com as grandes inovações nas ciências básicas que hoje vem acontecendo, achar o segredo da consciência nas leis da Natureza. Os biólogos acreditam que igual a vida, a consciência não é o produto de um único processo ou mecanismo, mas uma imensa profusão de processos.

Os físicos quânticos usando as formulações da Mecânica Quântica que matematicamente é uma visão do Universo que funciona excepcionalmente bem, procuram descrever o envoltório de possibilidades para o cérebro. Para muitos cientistas as partículas só se tornam "reais" como o resultado de uma observação humana, significando que o problema do *observador* tem alguma ligação profunda, misteriosa com a consciência. É apenas quando um *observador* humano sabe -- se tornou consciente -- do resultado de uma experiência quântica que uma função de onda de fato colapsa. Portanto, o Universo parece requerer testemunhas humanas até mesmo para existir.

Justamente como um sistema quântico, a mente humana criativa parece provar muitos caminhos e resultados, correndo à frente de si mesmo com palpites e intuições antes de colapsar sua "função de onda" para formar o pensamento. É plausível então que a consciência humana seja a evolução do nosso cérebro em lidar com as possibilidades sutis dos efeitos quânticos. Porém no estágio atual da Ciência e da Filosofia, ainda não temos respostas a tantas perguntas inerentes ao verdadeiro mistério sobre a nossa consciência. Queremos saber

como nós ajustamos um panorama contínuo de sensações, sentimentos e idéias dentro de nossas cabeças? O que nos dá o senso de um ego que tem sentimentos, planos e desejos? Quem ou o que é o *observador* ?

IV - A SÍNTESE IMAGÉTICA DO PENSAMENTO DA ARTISTA

As obras de Arte revelam a experiência do artista, como indivíduo, diante de propostas e valores que existem em sua sociedade. A comunicação artística, a obra, não exige erudição das pessoas para ser entendida. Ela exige sim, percepção e sensibilidade. Segundo Peixoto (2005, p.158):

Pode-se afirmar que toda grande obra – em especial de filósofos, escritores ou artistas – expressa, de modo relativamente coerente e adequado, uma visão de mundo, não apenas um momento do presente ou do passado: pode também expressar projeções de futuro, com base nas percepções e interpretações possibilitadas pelo movimento da história humana. A habilidade de captar os traços essenciais do seu tempo e desvendar novas realidades permite à arte trazer, em seu bojo, o novo, e, no ato de apontá-lo, a obra artística se configura como coadjuvante para a sua construção.

A Arte é um tipo de conhecimento e de avaliação que se estende também ao próprio sentido da vida e é a expressão de qualquer ideal que o artista possa realizar em forma plástica. A produção artística é uma forma do comportamento humano e nela enxergamos como alguém compreende o mundo.

Ladjane Bandeira, possuía verdadeira paixão pela Filosofia e um profundo interesse e preocupação com o ser humano em extensão; uma profunda reflexão sobre si mesma e sobre o Universo.

A série de desenhos à óleo, dentro da obra BIOPAISAGEM se sobressai nitidamente tendo em vista que em sua execução exclusiva, Ladjane se deteve durante uma década (de 70 a 80). Com relação aos desenhos em bico-de-pena, em seus escritos pessoais a artista a eles se refere como “trabalhos definitivos e únicos”.

Quando escreveu tal depoimento realizava a série e trabalhava na elaboração de sua *Teoria Intelorgânica* a qual se refere nos seguintes termos:

É uma teoria que aborda o problema da integração do ser humano bio-paisagístico o que significa o meu pensamento de que o ser humano do futuro absorvera a paisagem eliminando o dualismo humano/paisagístico racional/irracional tornando-se ele próprio um ser paisagem-conhecimento quer dizer um organismo integral dentro e fora cognoscente o que seria possível através dos “*Organossignos*”. Estes são signos orgânicos que se constituem na unidade básica material-biológica do pensamento. Acredito que no mesmo momento que o átomo é a unidade básica conhecida da matéria o *Organossigno* (ou qualquer outro nome que lhe venham dar no futuro aqueles que o descobrirem experimentalmente) é a unidade básica do pensamento. Ele através de reações específicas promove a cognoscência ou o conhecimento e poderá ser analisado por meio de aparelhos sensíveis que se venham a construir. Desse modo com o desenvolvimento da capacidade cerebral do ser humano que na sua fase atual chamo de *protointerlorgânico* todo o Universo poderá ser cognoscente porque da maneira que o átomo esta na base da matéria terrestre (seja em nossa células, nas de uma planta de uma pedra de um grão de areia igual em sua composição nuclear já que o núcleo do átomos tem a mesma composição em qualquer que seja a matéria terrestre galáctica etc.) o *Organossigno* esta na matéria “cognoscente” e “cognoscível”. Assim o ser humano do futuro seria um ser uno composto de humano e paisagem e de tudo o que o cerca – com vantagem de pensar e conhecer a si próprio, humano-e-paisagem e a todo o Universo. Ele será humano-paisagem-Universo-cognoscente. Não é possível ainda aqui uma explicação mais longa e profunda a respeito desta minha teoria mas tenho muitas reflexões ainda ate uma estruturação final.

Afirmava Ladjane que “suas BIOPAISAGENS” estavam ligadas a esta sua teoria e que trabalhava sobre este pensamento há mais de 20 anos registrando inclusive estar na ocasião escrevendo a peça teatral A VIOLA DO DIABO quando escrevia sobre a teoria.

Estudava Filosofia intensamente quando retornou dos Estados Unidos e tentava fixar plasticamente suas ideias filosóficas com o intuito de reagir à Arte que vinha fazendo. Procurava um trabalho figurativo com conteúdo numa reação consciente contra o academicismo abstrato que havia feito desde 56 a 60. Baseou os desenhos e pinturas da BIOPAISAGEM nesta sua idéia mas, o trabalho se insurgiu contra a mesma e surgiu como Arte.

Ladjane pretendia que a obra fosse racional e eliminou a cor para retirar do trabalho a sensualidade deixando-o em preto e branco, no bico-de-pena. Porém também trabalhou com o óleo e à cores. Acerca de seu trabalho com as cores registrou que era-lhe um

desafio, uma pressão. Enquanto o trabalho no preto e branco, a deixava mais livre para a abstração completa. Ainda falando sobre a questão em seus manuscritos pessoais:

Penso que talvez seja porque gosto demasiado do colorido que eu prefira o preto e branco. É como sempre. A intuição me traindo apesar de mim...
Lidar com as cores para mim é sofrimento e encantamento e é libertação...Não há uma unidade de sentimento em relação a pintura como há em relação ao desenho...se trabalho em preto-e-branco passo o tempo sem estas variações de angústia e encantamento de encontrar e perder, de me afirmar e me negar. No preto e branco sou uma.

A série pintada a óleo foi feita em 19 quadros sendo um vendido para uma galeria de Londres. Há registros de um quadro inacabado que teria sido comprado por esta mesma Galeria. Ladjane começou a trabalhar neles entre os anos de 67/70 e não tinha idéia do que ia sair, “ia saindo...” era o fazer plástico simplesmente.

Consoante a idéia filosófica, a BIOPAISAGEM ganhou autonomia tanto na pintura como nos desenhos. Ladjane afirmava não dominar a pintura enquanto que o desenho, sim. “Talvez devido ao domínio que exerce sobre mim o colorido vai mais fundo, vai ao meu oceânico”, registrou em seus diários.

Talvez devido ao significado que teve para sua autora a BIOPAISAGEM passou muito tempo sem ser vista por nenhuma pessoa. A sua obra não foi compreendida ao ser apresentada a um grupo de artistas e isto já o esperava a artista.

A angústia de não encontrar uma escuta e de se expor a mal-entendidos, tem o problema que se coloca a longo prazo para as falas clandestinas e inaudíveis daqueles com “mentes vanguardistas”. De sua transmissão intacta até o dia em que elas possam invadir o espaço publico e passar do “não-dito” à sua credibilidade e aceitação. Para que possam pertencer a um fundo comum de referências e constituir uma “memória nacional”, um intenso trabalho de investigação e organização é indispensável para superar a simples “montagem” ideológica, por definição precária e frágil.

Disso a artista tinha também consciência e desejo. Nenhum dos desenhos da série foi vendido, sua obra permanece até hoje intacta.

Em 1977 num curso de Filosofia da Arte os trabalhos da série a a bico-de-pena foram expostos com objetivo de debate filosófico⁷. Ao público é apresentada pela primeira vez numa coletiva do Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco em 1978. Dentro de um nível complexo de elaboração nos quais os aspectos técnicos chamam de imediato a atenção os trabalhos a bico-de-pena, nanquim sobre papel, transmitem atmosfera em que predominam os efeitos claros-escuros e grande densidade, ligados a concepção cosmológica que produzem no espectador a sensação e o impacto espacio-temporal relacionados a aspectos da transformação. Antes de concluí-la, em 1980, a artista ainda complementou a obra e modificou-a em vários aspectos.

Sobre a série a óleo, tematizada sobre a *Metamorfose Humana*, esta nunca foi exposta. Os quadros compreendem entretanto quatro “cinco” e “oito mulheres” sendo que em uma aparece um “par de seres” todos em metamorfose. Apresentam um colorido vivo, rico em nuances onde se elabora um jogo claro-escuro dentro de atmosfera supra-realista de impacto plástico. O virtuosismo de detalhes em consonância, a fuga em cores, cria comoção plástica notória na expressão simbólica que se evidencia.

O seu pensamento filosófico também expressou na literatura, em vários gêneros, poesia, cordel, romance e novela. No Suplemento Literário do Jornal do Commercio, no Caderno 4, datado de 4 de abril de 1976, um conto *Intelorgânico* da série BIOPAISAGEM sob o título “Um Crime Fantástico ou o Absoluto Reversível” foi publicado.

⁷ Jornal do Commercio, 6/11/77, reportagem no suplemento dominical; idem no caderno literário do “Jornal Universitário”, da UFPE de maio de 1988 sob o título “Curso aborda relações da arte com a Filosofia”.

É um conto filosófico no qual tenta mostrar o cerne da sua teoria, isto é, a Athanatogonia, ou a eliminação da morte e a conquista da permanência. A artista em suas apresentações sobre a obra sempre evitava usar o termo eternidade para que não causasse a impressão de envolver a religião, o que não era o caso de seu pensamento. No conto deixava claro seu pensamento de que do racional representado pelo cérebro, nascia o conhecimento sensível, representado pela “jovem mão” compondo assim, uma estreita ligação entre todas as correntes filosóficas. Não havia separação entre sensibilidade e intelecto. A BIOPAISAGEM é uma obra extensa envolvendo não só a produção iconográfica, como a produção textual de gêneros diversos como contos, poemas, romances e poesias.

Em 1972 defendeu sua tese perante a Associação Internacional de Críticos de Arte de Paris.

4.1 – A BIOPAISAGEM

Ladjane lançou a sua BIOPAISAGEM como Arte em seus valores formais, diretamente ligada a Filosofia e a Ciência. A obra pictórica é dividida em duas séries, uma composta por 20 quadros pintados a óleo sobre tela e outra por 12 quadros em bico-de-pena em papel e no preto-e-branco.

Os 20 quadros da fase colorida da obra BIOPAISAGEM representam a Metamorfose e impressiona pela sua magnitude expressiva. Nesta fase, na série a óleo sobre tela, eclode em cores a metamorfose humano-vegetal, amplo tema presente na Mitologia Grega, cantado por Ovídio - poeta latino (43), em sua obra “As Metamorfoses”, Livro I (Apolo e Daphne, vv. 450-56), e Livro II (as Heliades, vv. 305-365) - e também presente em

esculturas, altos-relevos, mosaicos, afrescos, águas-fortes, óleos, através dos tempos; tema também trazido desde as ruínas de Pompéia e Roma, atravessando os séculos, passando pelos mestres escultores como Bernini, e óleos de Veronese, Rubens, Tiepolo, Fragonard, Van Dyck, até aos contemporâneos Saint-Piens, Di Canossa, Bourdelle, Salvador Dali (deste, “Daphne II”, e “Três mulheres”).

Nestes quadros a temática universal tem uma vitalidade interpretativa surpreendente, muito particular, onde “Quatro Cabeças”, “Um Par de seres” e “Oito Mulheres”, num colorido rico aparecem numa atmosfera supra-realista. A intensidade dos detalhes cria efeitos diferenciados, próprios e singulares. A artista nunca expôs esta série.

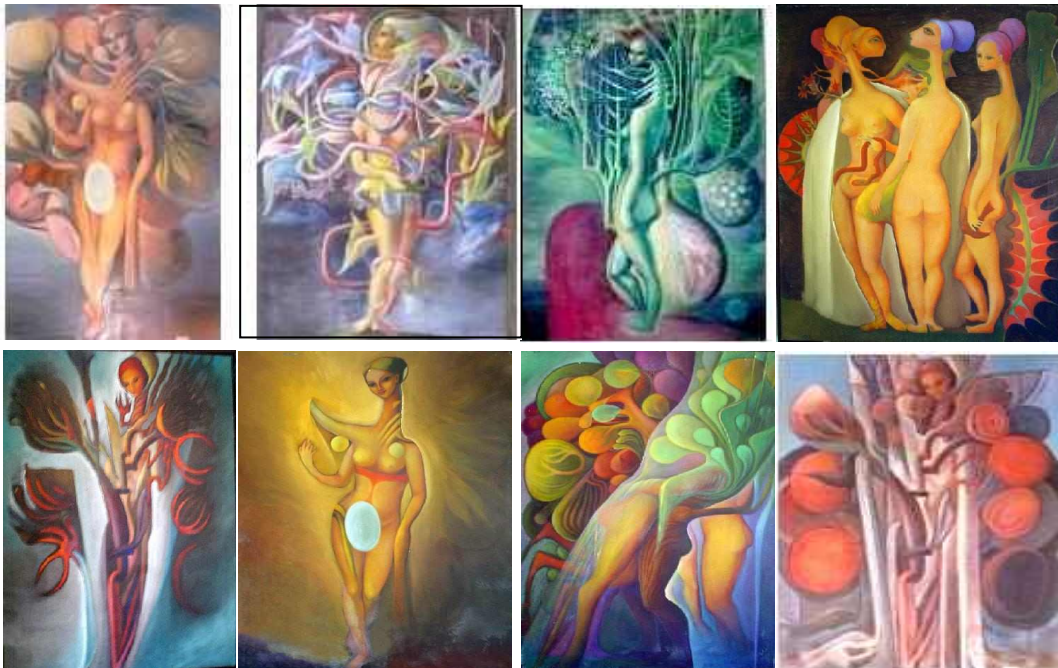


Figura 2 – BIOPAISAGEM – “Metamorfose Humana” - Mulheres – pinturas em óleo sobre Tela. Fonte - ICLB – Instituto Cultural Ladjane Bandeira, 2007



Figura 3 – BIOPAISAGEM – “Metamorfose Humana” - Cabeças – Pinturas em óleo sobre tela
 Fonte - ICLB – Instituto Cultural Ladjane Bandeira, 2007



Figura 4 – BIOPAISAGEM – Estudos em desenho sobre papel, pintura em óleo sobre tela e alumínio. Fonte - ICLB – Instituto Cultural Ladjane Bandeira, 2007

Durante a realização desta obra, paralelamente enquanto pintava, evoluiu no seu pensamento a sua teoria filosófico-científica como consequência de suas constantes preocupações estéticas e existenciais.

Ela resolve então se afastar de todos para se encontrar, se aprofundar com respeito a si própria e aos outros, e poder fazer um trabalho mais vigoroso e seguro. O “conhecer-te a ti mesmo” do Oráculo de Delfos, popularizado por Sócrates.

Então em estilo por ela denominado “Figurativista Mágico” num trabalho contido, minucioso, lento, extremamente racional e tendente a perfeição da forma e do conteúdo como cognoscência plástica-culturais, elabora, durante 10 anos, 12 quadros pintados em bico-de-pena no preto e branco, cujo tema é a *Transformação da Natureza em Conhecimento*.

Evocando uma unidade total, não topológica onde cada peça é a evolução do seu pensamento nesta série em preto-e-branco, a artista toma o ser humano desenvolvendo-se através do conhecimento adquirido e aperfeiçoado, desenvolvendo igualmente a ciência e a

tecnologia em benefício da amplitude e aperfeiçoamento desse conhecimento Universológico, mas orgânico.

O ser humano, a caminho do seu aperfeiçoamento unitário, eliminando a dualidade humano-paisagem cognoscente, que absorve e é absorvido a ponto de eliminar o espaço-tempo. Não é o fantástico mas a realidade antevista num processo de interdependência.

Considera a noção de paisagem como resultante de um complexo de interações entre elementos naturais, tecnológicos e humanos. A Paisagem que: “tem uma forma, uma estrutura, um funcionamento e uma posição dentro de um sistema, o qual está sujeito a desenvolvimento, transformação, aperfeiçoamento” (Apud ROUGERIE e BEROUTCHATCHVILI, 1991, p. 31; SAUER, 1998).

A BIOPAISAGEM sintetiza a evolução do ser humano e sua conquista do Universo cognoscente por seus próprios meios de se fazer. Diante do espectador, nos perfis, vê-se o humano em transformação: os seres, únicos e em pares superpostos e no interior dessas figuras, uma miríade de detalhes minuciosos, microscopicamente compostos. Segundo depoimento da própria artista em seus diário pessoal em 07 de junho de 1975:

Os meus desenhos a bico-de-pena, trabalhei ponto por ponto, a eles dei unidade técnica, numa atmosfera cósmica, também unitária. Era uma espécie de êxtase, de conhecimento e de identificação com o Cosmo, com o Universo. Era como se eu pudesse conhecer as coisas em profundidade, era como se o mundo fosse de vidro, transparente. Uma transformação para a permanência unitária cognoscente, a transformação da natureza em conhecimento.

Trabalhou, dando a eles uma unidade técnica e procurando retratar a beleza na ciência. A obra espelha a intencionalidade da artista em oferecer uma elegância própria ao conhecimento. A BIOPAISAGEM expressa uma Arte que pode comportar um conteúdo temático que transcende ao que se pretende impor como limitação da arte. Há uma clara intenção de Ladjane de formar um todo com o ato criador artístico e estético.

No interior das figuras desta série, há uma miríade de detalhes minuciosos, microscopicamente compostos num Universo Biopaisagístico. São *Biogaláxias*, *Cosmobióticas*, *Biomódulos* e *Pan-spermáticas*: imagens em amplexo abissal, perfis humanos em transformação, aparatos tecnológicos e fecunda intimidade intra-uterina. Visões arcaicas, modernas, impressionantes, majestosas, imponentes e até divinas, talvez “*organossignóticas*” (um dos termos adjetivantes da autora).

A obra mostra uma incursão procurando mostrar a evolução do ser humano – a partir do feto, de sua gênese. Do feto como símbolo da evolução *Biocosmológica* de apreensão da realidade em direção ao conhecimento. O feto humano como único dado capaz de interferir na evolução dessa apreensão.



Figura 5 – BIOPAISAGEM – Díptico “ PAN-SPERMÁTICA”,
Autogênese do homo sapiens – Bico de pena em preto e
branco sobre papel
Fonte – ICLB – Instituto Cultural Ladjane Bandeira, 2007

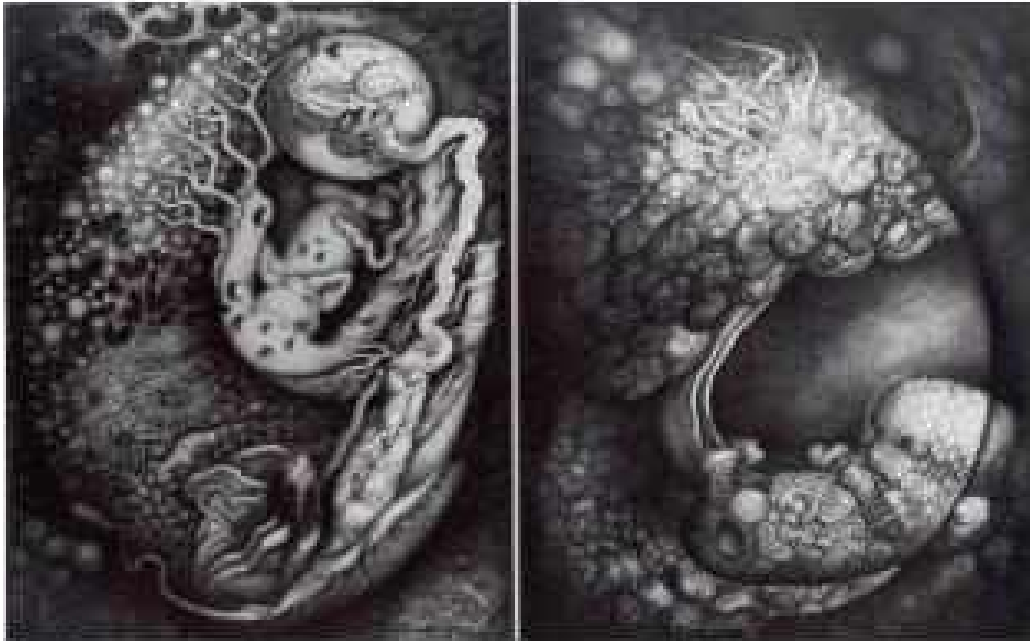


Figura 6 – BIOPAISAGEM – Díptico “BIOMÓDULOS” composto por “Biomódulo em Eclipse” (à esquerda) e “Eclipse em Biomódulo”. Bico de pena em preto e branco sobre papel.
 Fonte – ICLB – Instituto Cultural Ladjane Bandeira, 2007



Figura 7 – BIOPAISAGEM – Tríptico BIOGALÁXIA. Bico de pena em preto e branco sobre papel. Fonte: ICLB – Instituto Cultural Ladjane Bandeira, 2007

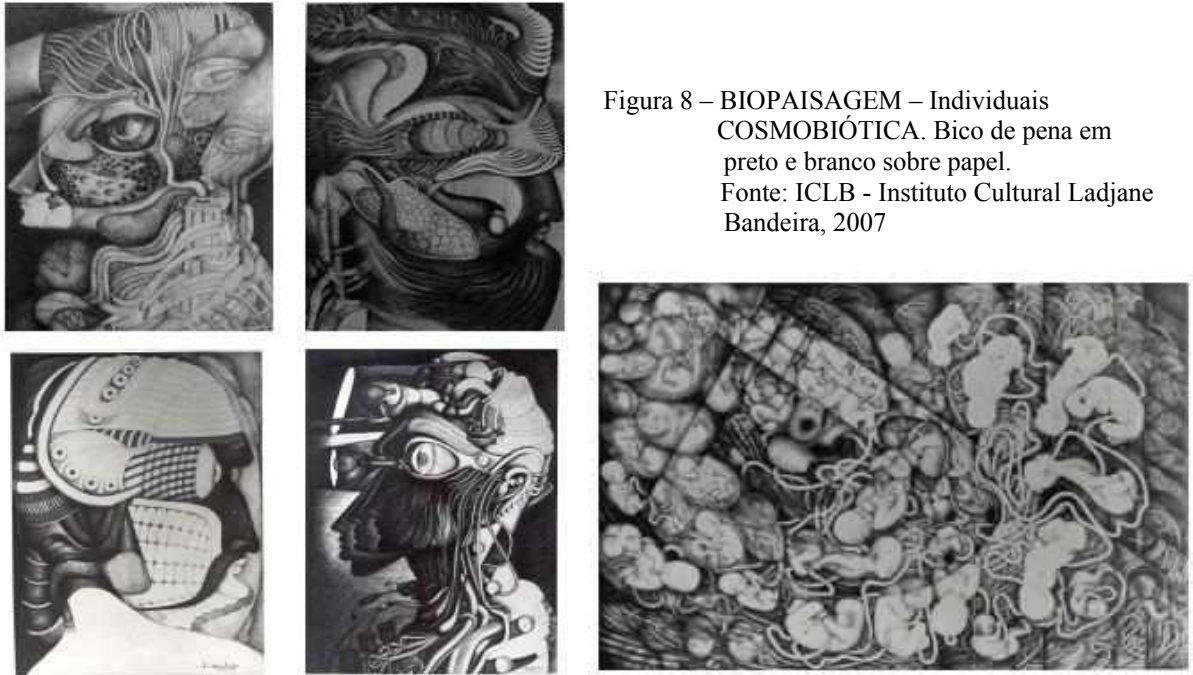


Figura 8 – BIOPAISAGEM – Individuais COSMOBIÓTICA. Bico de pena em preto e branco sobre papel.
Fonte: ICLB - Instituto Cultural Ladjane Bandeira, 2007

No pensamento “*Intelorgânico*” da autora a função tríade dos “*organossignos*” seria a captação, a tradução evolutiva e a transmissão do processo e aperfeiçoamento do conhecimento.

Elaborado nos anos 70, os organossignos da teoria científica de Ladjane Bandeira, poderia ser algo similar ao que hoje se discute no mundo inteiro, “A Teoria dos Memes”, termo cunhado em 1976 pelo zoólogo britânico Richard Dawkins. Essa teoria fundamenta-se na existência de outra entidade além dos genes que guiaria a evolução humana agindo como unidades de transmissão, repetição ou aprendizagem.

A “Teoria dos Memes” atualmente é obra de referência e ganha força nos meios acadêmicos científicos que define os memes como uma espécie de unidade de transmissão do conhecimento.

A *Teoria Intelorgânica* e seus *organossignos*, desenvolvido por Ladjane Bandeira nos fala da busca do vir-a-ser, algo em infinito processo de apreensão de conhecimento. Sua teoria aborda o problema da integração do ser humano bio-paisagístico, ou seja, o ser humano do futuro que absorverá a paisagem, eliminando o dualismo humano-paisagístico, o dualismo racional-irracional, tornando-se ele próprio um ser paisagem-conhecimento.

Um organismo integral dentro e fora cognoscente, o que seria possível através dos “*organossignos*”. Estes são signos orgânicos que se constituem na unidade básica, matéria biológica do pensamento.

V- A TEORIA INTELORGÂNICA

Descartes, no *Cogito*⁸, defende a idéia de uma essência primeira que antecede o corpo, ou seja, o *pensamento*. O ato de pensar, segundo Descartes, é a própria existência corporal, de modo que o corpo, vem a ser uma extensão do *pensamento*. De um lado a essência pensante (*res cogitans* – espírito) e do outro, a substância extensa (*res extensa* – corpo). A teoria desenvolvida da artista tem por base o *pensamento*.

Todas as coisas parecem ter uma intenção probatória, especialmente a vida: a de provar que ela pode existir, apesar de tudo e evoluir inteligentemente. *A Teoria Intelorgânica* baseia-se na função captação, tradução evolutiva e transmissão do processo e aperfeiçoamento do *conhecimento*. Refere-se a transformação do conhecimento.

A teoria pressupõe o pensamento, como substância mesma da eternidade, isto é, da permanência. O pensamento desenvolve os *orgnos*, que por sua vez desenvolve o *conhecimento* e a *inteligência*. *Estes desenvolvidos atingem “Organossignoticamente” o SER INTELORGÂNICO, capaz de unicidade na multiplicidade interativa e constante.*

Todo o Universo será inteligência, cognoscência e pensamento através da absorção gradativa e lenta, porém efetiva das coisas, pelos *orgnos*, num movimento inverso ao que se vem processando agora. A Teoria é de todo biofisiológica porquanto resulta numa mutação particular e geral dos “corpos” que se chocam na “permuta”. O próprio nome da teoria inclui este aspecto: IN-TELOS-ORGANON.

⁸ A frase "Cogito ergo sum" aparece na tradução latina do trabalho escrito por Descartes, 'Discours de la Méthode (1637), escrito originariamente em francês e traduzido para latim anos mais tarde.

IN significa dentro, TELOS, que tem um fim, uma direção, uma finalidade e ORGANON é uma estrutura, organismo. Em Filosofia estrutura se refere à configuração exterior da coisa. A finalidade (TELOS) aqui estrategicamente colocada no centro da palavra se liga ao DENTRO e ao FORA, à essência e a matéria transiente, permanentemente, ecbáticas⁹ e cronotópicas.¹⁰

5.1 - OS ORGNOS OU ORGANOSSIGNOS

São como átomos inteligentes ou com capacidade de inteligir pela substancia ou estrutura de que se compõem. São infinitamente menores que a menor das partículas do átomo até agora detectada: omega menos. Podem mesmo ser como nêutrons que desencadeia a reação. Podem estar na matéria ou na anti-matéria, numa e noutra ou ser algo fora delas: ser a partícula essencial à ordenação desencadeada, digamos assim, da reação construtora. E ser uma paramatéria algo paralelo a matéria, semelhante a matéria estruturalmente mas não a matéria ou parte dela. Seria o verbo instrumental. Ou aquele algo ou alguém a quem tanto se procura, e que o usa para a gênese constantes da criação ultima.

A fauna, a flora, toda a matéria ainda não inteligente, na *Teoria Intelorgânica*, serão absorvidas e recriadas para a perfeição ultima isto é o *ORGNO* faz parte do Universo pensante constituído no seu todo pelos seres-pensamento estruturados pelos *orgnos*, que serão os *INTELORGÂNICOS*.

⁹ Hermenêutica é a ciência de interpretar corretamente a Bíblia usando o método gramático-histórico tomando em conta o impacto direto do contexto em qual foi dita a palavra de Deus. Se segue a interpretação literal das palavras sem ignorar as figuras literárias e retóricas, as parábolas, a poesia e a profecia. Provê as ferramentas para ser um bom intérprete das Escrituras. Ecbática significa a consequência, resultado de algo.

¹⁰ O conceito de cronotopo afirma o entrelaçamento entre tempo (cronos) e espaço (topos). Esse conceito tornou-se possível fisicamente a partir da teoria da relatividade de Einstein que compreende o tempo como uma quarta dimensão. Bakhtin analisa o conceito dizendo (1989:237): “Vamos a chamar cronotopo a conexão essencial de relações tempo-espaço (...) que expressam o caráter indissolúvel do espaço e do tempo, visto o tempo como a quarta dimensão do espaço.”

O *ORGNO* é a unidade a unidade substancial com o que se constrói o pensamento positivo ou negativo, bom ou mal, elevado ou não, e de que, em sendo universal deve estar gerando pensamento em qualquer parte do Universo onde seja possível a sua tríplice interatividade geradora da energia *organossignótica*, ou seja, a sua função tríplice de captação, tradução e transmissão do conhecimento. Assim como a origem da matéria ainda não foi solucionada, de igual modo, constata-se a origem dos *orgnos* ou *ORGANOSSIGNOS*.

Existindo ao lado da matéria o *ORGNO* é uma espécie de paramatéria, mas tão mais infinitamente pequena, tão menor que o menor dos elementos conhecidos do átomo, que dificilmente poderá ser vista por algum tempo. Apenas pressentida, tal como acontece com as invisíveis partículas atômicas, descobertas através do rasto que deixam na “Câmara de Wilson” , já conhecidas através da matemática.

Sabemos que Pitágoras formulou que o Universo é composto de números. Não números místicos mas números de fato, objetivados em coisas: organossignos, átomos, células, etc. Para Platão a Matemática é o vestíbulo da Filosofia, porque o é tudo. O Universo é matéria. Nela se incluem os *orgnos*. Nesta matéria – que deixa de ser a matéria como atualmente é conhecida, incompleta, para tornar-se mais propriamente paramatéria – há quantidades (números) de átomos. Estes, tem sua formação dependendo da quantidade de partículas do núcleo e das orbitas eletrônicas, que também guardam números determinados para determinados átomos. E tal numero determinado ou posição determinada formam determinadas matérias ou cristais de elementos.

Tudo pode ser transformado em luz e em som, dependendo do número de vezes que seja “tratado” ou agredido por vibrações determinadas ou bombardeamentos determinados de partículas determinadas. E as reações acontecem de acordo com o número de vezes e de partículas a bombardearem e serem bombardeadas. Dependendo do número de vezes que acontecem essas reações, elas se auto-desencadeiam ou não.

Assim o é todo o Universo – ou todos os Universos. Logo, tudo é numero presente e imanente. O mesmo acontece com os *orgnos*. Quando aparentemente é geometria ou lógica simbólica (para ficarmos na Matemática) também é numero.

Da mesma forma, a existência experimental dos *orgnos* comporta determinismo científico – mas não histórico – e o livre arbítrio funcional, Psico-Intelorgânico. Ainda que não seja por enquanto possível provar experimentalmente a existência dos *orgnos*, como já se pode provar a de várias partículas do átomo e da antimatéria, tal existência não deixa dúvidas sobre sua própria condição de necessidade como definidora da harmonia “inteligente” entre os contrários psico-físicos universais.

Do mesmo modo que foi possível pela certeza relativa a existência das simetrias conhecer (através de cálculos matemáticos ou pelo comportamento inusitado de outras partículas) vários dos componentes atômicos antes de ser possível provar a sua existência, pode-se igualmente conhecer os *orgnos*. Pelo comportamento “inteligente” da matéria e da antimatéria em sua estruturação mais aperfeiçoada cronotopicamente, que a do ser humano *Protointelorgânico*, tal como também acontece na Astronomia.

Muitos planetas, satélites, estrelas duplas e “objetos” cósmicos foram descobertos devido ao comportamento de seus vizinhos; uma técnica indutiva.

Ainda sobre a matéria mentalizando o tempo presente anterior como passado, e presente-posterior como futuro, poderemos aventar a idéia de ter sido possível um nascimento simultâneo com o átomo inicial da teoria lemaitreana¹¹, ou um não ter nascido nunca, mas sempre existido por si.

¹¹ Em 1927, o padre e cosmólogo belga Georges Lemaître (1894-1966), derivou independentemente as equações de Friedmann a partir das equações de Einstein e propôs que os desvios espectrais observados em nebulosas se deviam a expansão do Universo, que por sua vez seria o resultado da "explosão" de um "átomo primeval". A Cosmogonia Lamaitriana do Átomo Primitivo, ou seja uma monogêneses de átomos, de estrelas e de radiações. A teoria do Big Bang coincide com as possíveis variantes desta teoria.

Tanto pode essencialmente servir qualquer uma das três teorias mais em evidência a respeito do início do Universo (a da explosão, a da respiração cósmica e a do constante aumento da matéria) quanto existir uma outra unicamente *Intelorgânica* que provavelmente será descoberta em tempo. Talvez apenas o próprio Intelorgânico venha a conhecê-la.

Existem reações químico-orgânicas na ação intercambial dos *orgnos*. Dentre as suas três funções primordiais a TRADUÇÃO é o segundo tempo, do grupo das ações fundamentais. É uma reação químico-orgânica entre os *orgnos* captados e os já residentes. Os captados são visitantes que juntando-se aos residentes produzem os transientes.

Os transientes voltarão ou não a ser visitantes e podem também se tornar residentes ou transientes. Momentaneamente e relativamente os residentes são fixos. Há os *orgnos* que sofrem imediata “experiência” e entram em imediata interatividade; e há os que se retardam.

Os primeiros são os transientes instantâneos e os segundos são os transientes imediatos. Os mais demorados são os residentes que, se são demasiado demorados se classificam como residentes vitalícios, enquanto os menos demorados são só residente temporais.

Mas mesmo a demora dos residentes é relativíssima se tomada pelos padrões comuns visto que é tal a velocidade dos *orgnos* que devido a isto e ao seu infinitésimo tamanho não são visíveis. Nem mesmo através de possíveis rastos como acontece com ínfimas e velocíssimas partículas atômicas registradas pela Câmara de Wilson dos grandes aceleradores de partículas atômicas já existentes no mundo em vários países. Sendo tão pequenos e tão rápidos talvez jamais se nos tornem visíveis.

Como é possível que até já estejamos a ver-lhes alguns conseqüências registráveis sem o sabermos como aconteceu muito tempo com os sinais dos pulsares e dos quasares sem serem identificados senão recentemente. Muitos dos sinais e ruídos e cores do Universo ainda não foram identificados nem alcançados nem a olhos eletrônicos. Entre eles estão os sinais

Organossignóticos. Há a possibilidade de haver transformações tais em nossos órgãos de visão que té a olho nu possamos futuramente “ver” e ouvir o que hoje nem com telescópios e microscópios eletrônicos o podemos.

A reação entre os *orgnos* internos e os externos dá-se pelo comando energético dos mesmos. Através da energia que os *orgnos* contidos em nós produzem e, como um campo elétrico-magnético, atraem os externos. Da mesma maneira que pelo comando dos nervos e da vontade as nossas glândulas endócrinas produzem seus hormônios específicos, assim o comando energético dos *orgnos* sobre e sob o nosso pensamento e nossa vontade.

O intercâmbio energético se processa dependendo do grau energético entre os *orgnos*. Para que nossos olhos percebam as cores é necessário que o comprimento de onda não seja nem maior nem menor do que a capacidade de nosso globo ocular, mas esteja dentro da bitola da nossa visão ou seja, da capacidade de ver. E o comprimento de onda da luz é ditado pelos fótons ou quanta, segundo Einstein. Sendo, por exemplo, o ultravioleta muito curto enquanto o infravermelho muito largo estão fora do alcance da nossa visão natural. Resultado: não as vemos embora existam e saibamos que existem e o comprovamos com auxílio de lentes especiais.

Para provocar a reação em um átomo, um fóton de luz tem igualmente que estar na bitola do núcleo do átomo nem mais nem menos. O mesmo acontece com os vários *orgnos* de várias dimensões. Os que se conservam ausentes de determinadas interações inteligentes de determinadas pessoas é porque ou tem um poder energético menor ou maior do que os que tem os *orgnos* inteligentes da referida pessoa, o que impede a formação adequada do conhecimento em mais intenso e extenso grau. Nisto se baseia a evolução *organossignótica*, e portanto a evolução do conhecimento de todo o ser inteligível da terra ou de qualquer outro planeta onde por acaso a inteligência se desenvolva à nossa maneira ou de maneira diferente.

5.2 - O INTELORGÂNICO

O *INTELORGÂNICO* é um organismo resultante do desenvolvimento físico-mental isto é, aquilo que será o homem futuro após conquistar sua permanência, que é de natureza física tanto quanto “espiritual” Algo que se poderia chamar eternidade sem esse caráter de transcendentalidade mística que exige um dualismo corpo-alma. O “espírito” do *INTELORGÂNICO* será imanente a ele próprio sem todavia ter dispensado a transcendência. Quer dizer seu “espírito” lhe será imanente depois que ele se houver apoderado da força vital energética que o transcendia com os *orgnos*, isto é, organossignos, signos orgânicos.

Não teria-se mais a possibilidade de morte que é resultante da imperfeição atual da interatividade inteligente dos *orgnos*. Imperfeição que tem impedido o grau máximo a que pode e deve chegar cada *ORGNO* em si, em sua atividade individual e em sua atividade intercambial. É a esta imperfeição que se devem os diversos graus de inteligência e as diversas dimensões do pensamento no ser pensante (humano ou não, na terra ou fora dela)

Esta força vital energética é uma energia substancial orgânica de que nosso pensamento e nosso organismo total se nutre através da sua captação, interpretação e comunicação (Tríade Fundamental dos *orgnos*). Esta força tem apenas implicações temporais apenas como presente. Ela é. E é organicamente. O homem como ser ainda limitado pela forma da matéria atual é “temporal” até enquanto dela não se despojar pela gradativa eliminação que, tanto quanto a matéria, limitará também, gradativamente a morte.

É uma força orgânica dinâmica, não inerte, na sua própria essência pela infinita renovação de si mesma, do dar e receber de si para si. Quando transformada no *INTELORGÂNICO* sua organicidade estará justamente no ser físico, não de uma só maneira, mas integralmente.

O *INTELORGÂNICO* será permanente como resultado de uma constante mutação interna e externa, sendo ele próprio o fora e o dentro permanentemente. Esta permanência é uma eternidade cosmológica quer dizer um cosmo inteligente. O *Intelorgânico* será

permanente e eterno como o próprio Universo total cujas energias ou substancias concebemos como um todo infinito que escapa ao tempo e é o próprio espaço.

O tempo aqui é visto como inerente a dinamicidade, mas existindo como presente- sendo. Permanência (eternidade) é presente integral. Sem mutação não há vida porque não há dinamicidade. Salvo em concepções filosófico-religiosas o que não é o caso aqui. A *Teoria Intelorgânica* trata o mundo como um todo orgânico, físico, vivo, e da eternidade que chama de permanência como personalidade biológica inerente ao sendo Intelorgânico e ao Universo que serão uma e a mesma coisa.

A eternidade estática, inerte, hierática, só existe como interpretação, isto é, como conteúdo abstrato, teórico, dos signos que o pensamento após captar interpretar, a concebe. E o espaço continuará a existir tanto quanto o tempo, sendo porém parte íntima do *Intelorgânico*.

O *Intelorgânico* é um ser sujeito a mutações. Tanto quanto o tempo e o espaço que lhe são inerentes como resultante da química Universológica, sendo ele próprio a substancia múltipla da qual se geram os signos inerentes a força vital energética.

A substancia múltipla é o próprio Universo inteligente. E esta multiplicidade renovada sem morte e sem destruição é a vida eterna, isto é, permanente. Uma permanência sucessiva e ordenada. Aqui estão a eternidade e a ordem cósmica. Quando se disse que tudo se transforma – desde as filosóficas gregas Pré-Socráticas – já se tinha razão absoluta. Só que as transformações por enquanto se processam com a morte o que deixará de acontecer.

Quando Buda pretendia que se ingressasse no Nirvana sem morte também tinha razão pois o Nirvana, a Eternidade, o céu, ou qualquer que seja o nome que se lhe venha sendo dado, são o conteúdo mental do que virá a ser o Intelorgânico; aperfeiçoamento futuro do homem, processado por si próprio, atendendo a suas necessidades interiores que são aquelas em que repousa sua permanência. Quando Cristo ensinou a existência do espírito santo tinha a mesma razão que Buda e aqueles que disseram que tudo se transforma (filósofos

Pré-Socráticos e Lavoisier) e muitos outros, pois referia-se a aproximadamente a força vital energética, isto é, o “espírito” que sendo o próprio conhecimento permite ao homem tornar-se eterno por intermédio seu.

E se ele que morrer por não ser possível ainda ao homem permanecer como homem na matéria destrutível, deixou a clara a indicação do futuro Intelorgânico com a simbologia da ressurreição e da ascensão. O homem do futuro para ser eterno (permanente) terá que transformar-se a ponto de eliminar a morte com a eliminação da matéria destrutível resumindo-se à “alma” isto é, a força energética do Universo.

5.3 - O PENSAMENTO

Na Teoria *Intelorgânica* o pensamento é a energia produzida no cérebro pela trílice interatividade (captação, tradução e transmissão). O ser inteligente e inteligível capaz de conhecer e fazer-se conhecer através do pensamento, usa seu instrumental (cérebro, nervos e o corpo todo) ainda sem muito conhecimento acerca dele. Desse modo tanto o cérebro quanto os nervos e o próprio corpo (o pensamento é também algo de somático) do *protointelorgânico* não se desenvolvem senão com muita lentidão, preso a sua própria ignorância. Com isto o pensamento em si queda ainda demorando a dar-se a conhecer.

Os *orgnos* produzem pensamento, isto é, a ainda desconhecida energia-pensamento, como viemos, mas não são pensamento em si, embora sejam um pouco o pensamento visto que o produzem de si. Do mesmo modo que o urânio ao degradar-se produz o chumbo, não é chumbo, os *organossignóticos* produzem o pensamento mas não o pensamento em nenhuma das suas formas possíveis. Onde quer que haja Organossigno há a possibilidade de haver pensamento e conhecimento uma vez haja a realização adequada da química *organossignótica*.

Conhecemos a existência dessa unidade básica interativa universal – tão universal que onde quer que haja pensamento, dessa ou daquela maneira, neste ou em outros Universos, há de ser motivado por ela, ou ser ela própria – e ainda perguntamos: o que é o pensamento ? Já que o conhecimento é algo menos sutil e mais funcional e dependente do pensamento. Podemos identificar o conteúdo do pensamento com o próprio pensamento, mas podemos deixar de fazê-lo indo mais além do muito além a que se tem chegado e voltar a fazer a pergunta: o que é o pensamento ? Sob um novo *prima*.

Contudo isto será coisa para o futuro quando a fase *Protointelorgânica* for um memorável capítulo da história do pensamento sob a égide do conhecimento organossignótico. Já disse Max Nordau que importante é buscar a verdade, mais que encontrá-la. Nisto se tem constituído a história da Filosofia e em parte a da ciência o que significa que é mais importante pensar que verificar, visto que o pensamento não se detém com a verificação, isto é, com a verdade constatada. Daí a sub-reptícia primazia da teoria *Intelorgânica* que é a do próprio pensamento em permanente atividade, inclusive de si por si e para si, como a imagem da estrada que se enrola sobre si mesma e se torna bagagem (e instrumento, acrescenta Ladjane Bandeira) às costas daquele que a conhecem utilizando-se, imagem esta formada por Ortega Y Gasset com bastante eloquência plástica e propriedade incisiva.

A teoria *Intelorgânica* é a própria imanência com relação ao pensamento. O pensamento pensando, filosófica e cientificamente a cerca de si mesmo com o auxílio direto do seu instrumental significativo reagente e imitável em ser o que é.

É necessário que a “experiência *organossignótica*” se realize no cérebro sendo pois implicações pelas quais o cérebro pára de pensar corretamente ou pode se arrastar pensando e até involuir no pensar. Por questões psico-somáticas-*organossignóticas* tal venha a acontecer. Se o aparelho receptor-tradutor-transmissor não está em condições de manejar os *orgnos* do pensamento, sua estrutura e composição “*sui generis*”, então a “experiência” não se realiza através dos “três tempos” fundamentais, posto que incompleta ela não se impõe.

A “experiência” é o saldo da ação intercambial *Intelorgânica* em o ser inteligível, isto é, em o ser capaz de tomar conhecimento dessa ação.

Visto que os *orgnos* comandam tudo e todos, a alteração gradativa da “memória das células” estruturais dos organismos, alteração de caráter interno e externo além de intercambial, tal evento eventos explica a hierarquia dos seres vivos. A “memória” e a “inteligência” de todo o Universo são ditados pelos *orgnos*. São os *orgnos* que impelem o ADN (Acido Desoxirribonucléico) e o ARN (Ácido Ribonucléico) a sua função “mnemônica”. Nesse caso não se condiciona a temperatura, isto que ditando a memória do Universo há de estar contido nas estrelas e como se sabe, elas geralmente são constituídas de plasma quente e até mais de 100 milhões de graus centígrados, temperatura inicial necessária para a reação em cadeia permanente.

Como todas as coisas, condiciona-se. Contudo o seu grau de adaptabilidade é tão grande que somente em temperaturas superiores ou inferiores a muitos milhões de graus centígrados os *orgnos* poderiam ser destruídos. Isto não impede de, em alguns casos, em graus relativamente altos ou relativamente baixos a sua ação não se ver tolhida. Então a “inteligência”, “memória”, etc ficarem latentes, embora não destruídas. Ressalte-se que tais coisas são ofensas ao atual grau de subdesenvolvimento dos *orgnos* e dos humanos, bem como de tudo sobre a terra e o Universo. No estagio INTELORGÂNICO tal problema inexistirá.

A memória das células depende então de uma espécie sistemática de determinada organofagia praticada por elas. Tal memória é nociva sob alguns aspectos a evolução *Intelorgânica*, o que tem lhe entravado o desenvolver-se. Serviçal sob outros. Mas como dilatável e transformável pode perder seu sistemático conservadorismo. Tal transformação e tal dilatação que se reportam a novas adaptabilidades, se processam constantemente no interior de todas as coisas, bem como no exterior. Em alguns casos sub-repticiamente; em outros ainda de modo violento. Estas variações se referem a varias coisas e seres como

também a uma só coisa e um só ser. Isto é, todas estas variações podem acontecer a um só organismo em vários tempos ou simultaneamente, do mesmo modo que a todos os organismos em todos os tempos.

Segundo Filosofias modernas há que saber estar seguro de que se pode e como se pode conhecer algo. Mas na Filosofia *Intelorgânica* além de se SE PODE e COMO SE PODE acrescenta-se o COM QUE SE PODE, já que antes era preestabelecido que apenas se podia conhecer com o cérebro e o que a inteligência somente aí se localizava. Agora há que encarar este novo aspecto de localização do conhecimento e do pensamento. Não sendo somente no cérebro o poder de receber os *orgnos* – mas de interceptar interpretando e comunicando – todos os organismos o fazem *in totum* se bem que inconscientemente inteligenciável, o que não significa tal lhe seja vedado, sendo certo vir a fazê-lo no futuro.

VI- CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

O planejamento deste trabalho disponibilizou em sete capítulos a abordagem do tema considerando seus objetivos, definições, delimitações e procedimentos metodológicos. Tal divisão teve o propósito de melhor introduzir as questões norteadoras para o processo de execução e apresentação do estudo.

Inicialmente destacou-se a historiografia de Ladjane Bandeira, desde sua infância registros de família, período escolar, influências e chegada no Recife. Este panorama nos permitiu conhecer a origem de seu espírito inquieto que anos mais tarde se manifesta nas atividades que exerceu no Jornalismo, Literatura e nas Artes Plásticas. Conhecemos sua determinação e forte personalidade feminina posta à prova em tempos difíceis para mulher diante de uma sociedade patriarcal e machista. Conhecer sua trajetória de vida nos permitiu verificar a mente inteligente e fecunda de Ladjane. Confirmar seu autodidatismo, sua capacidade de estudo sistemático e profundo e alto poder de reflexão filosófica que anos mais tarde é reconhecido no meio acadêmico científico.

A partir do trabalho desenvolvido em suas atividades literárias e iconográficas percebe-se um acervo rico, amplo e importante para a *História da Arte de Pernambuco*. Sobretudo inédito a espera de criteriosa investigação arquivística que poderá ser usada como valiosa fonte para pesquisadores de diversos campos do saber tais como: Arte, Jornalismo Cultural, Filosofia, Psicologia.

Para dar consistência na análise e cientificidade do tema foram utilizados três referenciais teóricos para contribuir com este estudo: “O Mundo Quântico”, “A Teoria da Consciência Cósmica”, e a “Teoria Intelorgânica da autora”. As questões da Física Quântica e o papel *do observador humano* complementadas às idéias de Teilhard de Chardin e sua *Consciência cósmica*, apontaram pontos de convergência com o pensamento científico da

autora. Nela percebe-se em toda a teoria uma busca do “vir a ser”, representando uma transformação da natureza, o que seria de certo modo, a eliminação da sensualidade.

Em tempos atuais, a busca da perfeição do humano, faz-se à luz da manipulação genética e a pesquisas para a eliminação do dualismo corpo-*mente*.

Diante da leitura científica da BIOPAISAGEM, a presença do “pequeno homem” na obra “Cosmobiótica IV”, aponta uma interpretação possível para este detalhe pictórico posto à frente (no cérebro) da cabeça humana desenhada e posicionado em meio a aparatos tecnológicos. Uma possível representação de um ponto de captação para a construção da *Consciência* em processo de evolução.

Por fim, parece que o estudo está apenas iniciando face a sempre atualidade da obra: *A Busca por Respostas a Evolução Humana*. Não levará muito tempo para termos suficiente conhecimento do funcionamento do cérebro e possibilidade de explicar a Biologia e o Universo de forma científica. Não fará mais sentido pensar em Natureza versus criação ou em genes versus ambiente, ou como define Ladjane, a *Paisagem*.

A realidade futura nos impulsiona a crer que diante das conquistas da genética, o homem irá transcender o tempo todo e alcançar um estágio mais que humano. Boa parte da humanidade, numa previsão futura talvez esteja disposta a livrar-se de sua “roupagem biológica” (a carne) e integrar sua consciência ao mundo digital tornando-se basicamente divina. Experimentos já existem, com previsão para 2075, para realização de *download de cérebros humanos*. Será possível o armazenamento da memória de um indivíduo durante toda a sua vida e a construção da “consciência humana” projetada para armazenamento em supercomputadores. Uma passo para a imortalidade da mente humana !. Realmente pode-se pensar que a BIOPAISAGEM não seja o fantástico, mas a realidade antevista.

A obra é uma proposta ousada, corajosa de muitos desdobramentos, garantindo um pródigo universo de especulações e informações. Dados que formam e informam o mundo estético dessa artista superlativamente consciente de sua experimentação psicológica,

filosófica e científica. A obra não é um mero exercício e sim um campo aberto a *experimentações*.

De fato, a impressão que fica é de incompletude, dada a sua complexidade e a certeza da limitação deste estudo diante da sua grandeza. Muito ainda há para ser apreendido e investigado recomendando um futuro estudo complementar ou comparativo. Faz-se necessário conhecer as semelhanças entre diversas áreas do conhecimento científico ou das ciências humanas que encontram-se representadas na obra bem como a apreensão dos elementos pictóricos à luz dessas teorias.

É difícil estabelecermos os parâmetros do que seja ciência, do que seja técnica, ou Arte naquilo que fazemos. Todos nós sonhamos. Os idealistas, pacifistas, artistas e cientistas, sonham. A humanidade sonha. E muitos sonham com o futuro. E o que há de real neste sonho, de imaginário ou simbólico ?

Júlio Verne sonhou com a lua e da Vinci com o avião. O que haveria de simbólico, de real e imaginário no sonho futuro desses homens ?

Baseando-nos nestas dimensões que chamamos de real, imaginário e simbólico existem alguns pontos de intersecção que poderíamos a eles atribuir. Elementos como a beleza, do belo que é o campo da estética entre o real e o imaginário; e a nossa angústia diante do existir.

Ladjane sentia “saudade do futuro”. A angústia por não participar dele, semelhantes as angústias de Júlio Verne e de Leonardo da Vinci, como visionários que quiseram ficar em suas obras. Nelas permaneceram, se eternizaram e transpuseram o transitório: *A Morte*. Hoje, participam eles do Futuro.

A autora da BIOPAISAGEM pensava Ciência e sentia Arte e pelo significado que a obra teve em sua vida, espelha também essa missão. Segundo a autora: “O Artista só se liberta, quando fica em sua obra”.

A BIOPAISAGEM é uma obra *misteriosa e aberta* para o mundo e não somos nós quem a contemplamos; É ela quem nos convida a contemplá-la. Provoca-nos sob diversas visões de mundo, leituras e desdobramentos. Está feito o Convite !

VII– REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fedeli, VANINI, Murai. *Evolucionismo: Dogma Científico ou Tese Teosófica?*.

MONTFORT Associação Cultural, 2004.

AMARAL, Aracy A. *Arte para que ?*. São Paulo: Nobel, 1984

ARANHA, Maria L. MARTINS, Maria H.. *Filosofando: Introdução a Filosofia*. São Paulo:

Moderna, 1986, p.342

BANDEIRA, Ladjane. Arte-Ladjane. Suplemento Cultural do Jornal do Commercio. Recife.

Editoriais – edição de 13 de fevereiro de 1978

BARBOSA, Ana M. *A Imagem no Ensino da Arte*. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva,

1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de estética e de literatura: a teoria do romance*. São Paulo :

UNESP/HUCITEC, 1998

BERGSON, Henri (1859-1941). *Matéria e Memória*. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

p. 291.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Editora Unicamp, 1992

CLÁUDIO, José. *Memórias do Ateliê Coletivo (Recife 1952 – 1957)*. Recife: Artespaço, 1978

COTTA, André G. *O Palimpsesto de Aristarco: Considerações sobre Plágio, Originalidade e Informação na Musicologia Histórica Brasileira*. In *Perspect. cienc. inf.*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 185 - 209, jul./dez.1999

DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta, Homem e a Ciência*. Itatiaia, 2001

FLECK, L. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico. Introducción a la teoría del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamiento*. Madrid: Aianza Editorial. 1935. 200 p.

FREYRE, Gilberto. *Arte, ciência social e sociedade*. Recife: Escola de Belas Artes de Pernambuco, 1958. p. 17- 30.

HANOI, Marcos. *Palestra: Mulheres Pintoras de Pernambuco*. IRB, 12/04/2004. Não publicado.

KUHN, T. S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press. 1996. 212 p.

MACHADO, Arlindo. “*Anamorfozes Cronotópicas ou a Quarta Dimensão da Imagem*”. In Parente, André (org.). *Imagem-Máquina. A Era das Tecnologias dos Virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. pp 100-116.

MOROWITZ, H.J. *The Beginnings of Cellular Life*. New Haven, CT. Yale University Press. 1992

OSTROWER, Fayga. *A Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes, 1978

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979

PORTER, Roy. *The Creation of the Modern World: The Untold Story of the British Enlightenment*. Londres: W.W. Norton., 2000

ROUGERIE, G; BEROUTCHACHVILI, N. *Geosystèmes et Paysages: Bilan e Méthodes*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1991

ROLIM, Ana Maria A. *A psicanálise é uma ciência: mas quem não se importa?: uma ressonância de a psicanálise não é uma ciência : mas quem se importa ?*. *Psicol. cienc. prof.*, jun. 2000, vol.20, no.2, p.8-11. ISSN 1414-9893.

SARMENTO, Sônia. *Palestra: Tributo a Ladjane Bandeira*. Livraria Cultura. Recife, PE, 2006.

PEIXOTO, Maria Inês . *Estética, Filosofia e História da Arte - A Arte no Cotidiano: Consciência e Autoconsciência*. Anais do III Fórum de Pesquisa Científica em Arte, Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2005

TEJO, Cristina S. 2005. *Made in Pernambuco: Arte Contemporânea e o sistema de consumo cultural globalizado*. Recife, monografia de conclusão de curso de mestrado em Comunicação, UFPE, 114p.

INTERNET

BRAIN DOWNLOADS 'POSSIBLE BY 2050' Disponível em :

<http://edition.cnn.com/2005/TECH/05/23/brain.download/> May 23, 2005. Publicado em 14/06 GMT (2206 HKT). Acessado em 25 de julho de 2007.

SALA ESPECIAL LADJANE BANDEIRA. Disponível no site do INSTITUTO CULTURAL LADJANE BANDEIRA. <http://www.ladjanebandeira.org>. Acessado em junho de 2007

ENTREVISTAS:

LIMA, Daniel, Filósofo, Professor de Filosofia, Recife, 20 de junho 2005.(Entrevista inédita)

FILHO, João Lira, Engenheiro, Irmão de Ladjane Bandeira, Recife, 12 de setembro de 2004.(Entrevista inédita)